



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE HISTÓRIA

**LIBERTAÇÃO OU ASSOMBRAÇÃO: AS BOTIJAS DE “DANANINHA” EM
VÁRZEA DA EMA-PB (2010-2014)**

KALYANNE MARTINS DIAS

CAJAZEIRAS – PB

2019

KALYANNE MARTINS DIAS

**LIBERTAÇÃO OU ASSOMBRAÇÃO: AS BOTIJAS DE “DANANINHA” EM
VÁRZEA DA EMA-PB (2010-2014)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Silvana Vieira de Sousa

CAJAZEIRAS - PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

D5411 Dias, Kalyanne Martins.
Libertação ou assombração: as botijas de “Danantina” em Várzea da
Ema-PB (2010-2014) / Kalyanne Martins Dias. - Cajazeiras, 2019.
110f. : il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Licenciatura Plena em História) UFCG/CFP, 2019.

1. Crenças populares - Várzea da Ema - Paraíba. 2. Imaginário popular.
3. Botijas de Danantina. 4. Cultura popular. 5. Memória. 6. Oralidade. 7.
Religiosidade. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 398.3(813.3)

KALYANNE MARTINS DIAS

**LIBERTAÇÃO OU ASSOMBRAÇÃO: AS BOTIJAS DE “DANANINHA” EM
VÁRZEA DA EMA-PB (2010-2014)**

Cajazeiras, 06 de junho de 2019



Prof^a. Dr^a. Silvana Vieira de Sousa
(Orientadora e presidente da banca)



Prof^o. Dr^o. Israel Soares de Sousa



Prof^a. Nadja Claudinale da Costa Claudino

CAJAZEIRAS - PB

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus, primeiramente, por me guiar e iluminar em todos os momentos de minha vida, ao mesmo tempo colocando pessoas maravilhosas nessa caminhada.

A minha mãe Cosma e ao meu pai José, pela vida, os ensinamentos, educação e caráter. Como assim também por me incentivarem e não medirem esforços desde sempre, pela minha formação.

A minha família pelo apoio, em especial a minha irmã Kalynne e as minhas tias paternas Cosma e Raimunda por tudo.

A Weslei, meu companheiro de vida há seis anos. Obrigada pelo incentivo, por estar comigo a todo tempo e não me deixar desistir em nenhum momento. Pelo carinho, atenção, suporte e compreensão.

Aos meus amigos de vida acadêmica, Fernanda, Bruna, Raquel, Valdetário e Lucas, que se tornaram grandes amigos e os levarei para a vida toda.

A amiga/parceira Ana Vitória, minha dupla de estágios e de muitas outras tarefas acadêmicas, com quem compartilhei momentos divertidos e difíceis, mas que contribuíram para o nosso crescimento pessoal e profissional.

A Sabrina, que aos poucos se tornou uma amiga/irmã, por compartilhar de experiências únicas e por estar presente em bons e maus momentos, dentro e fora da vida acadêmica.

Aos meus colegas de turma, por contribuírem direta ou indiretamente na vida acadêmica.

Aos meus depoentes, por contribuíram de maneira grandiosa na construção deste trabalho, compartilhando um pouco de suas vidas e tornando possível um pequeno resgate da história da nossa comunidade.

E, finalmente, a minha orientadora Silvana Vieira de Sousa que, abraçou de forma carinhosa a proposta deste trabalho, contribuindo metodologicamente para a realização do mesmo, meu agradecimento pessoal e acadêmico.

RESUMO

Este trabalho aborda a história das chamadas botijas de Dananinha (Ana Saraiva de Freitas) como fatos que tiveram seu desfecho no distrito de Várzea da Ema, situada no alto sertão paraibano nos anos de 2010 e 2014. Notícias sobre botija dão conta de que tal fato que parecia relegado aos tempos de antigamente ou dos mais velhos, todavia, os acontecimentos de 2010 e 2014 de que propomos tratar, repuseram na ordem do dia a questão da permanência das botijas no imaginário coletivo da região. Razão pela qual nos propusemos a tomar a temática “Botijas de Dananinha” como nosso objeto de discussão e de pesquisa. Como metodologia, faremos uso de relatos e depoimentos orais dos moradores do distrito de Várzea a Ema. Assim como faremos o cruzamento dessas fontes orais com os escritos da igreja católica. Outras escrituras sobre religiosidade, crenças populares e sobre botijas se farão necessárias para montarmos nosso campo de explicações e abordagem dessa história. O objetivo deste trabalho é analisar a crença nas botijas e nas histórias tidas como de “trancoso” do agora distrito de Várzea da Ema, município de Santa Helena, estado da Paraíba.

Palavras-chave: Várzea da Ema; Botija; Cultura; Memória; Oralidade; Imaginário popular; Religiosidade.

ABSTRACT

This work deals with the history of the calls of Dananinha's canisters (Ana Saraiva de Freitas) as facts that had their outcome in the district of Várzea da Ema, located in Alto Sertão Paraibano in the years 2010 and 2014. News about cruse realize that such fact that seemed to be relegated to the times of old or older, however, the events of 2010 and 2014 that we treat are restoring the order of the day the issue of permanence of canisters in the collective imagination of the region. Which is why we have proposed to take the theme "Dananinha's Canister" as our object of discussion and research. As methodology will make use of reports and oral testimony of the residents of the district of Várzea da Ema. So how do the intersection of these oral sources with the teachings of the catholic church. Other scriptures about religion, popular beliefs and on bottles will become necessary to montarmos our field of explanations and approach of this story. The objective of this work is to analyze the belief in the bottlenecks and the stories considered as "trancoso" of the now district of Várzea da Ema, municipality of Santa Helena, state of Paraíba.

Keywords: Várzea da Ema; Canisters; Culture; Memory; Orality; Popular imagination; Religiosity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Fig 01.** Fotografia de Valentim Gonçalves.....34
- Fig 02.** Fotografia de uma das primeiras turmas do primeiro grupo escolar do distrito de Várzea da Ema, em meados da década de 1950. A extrema direita temos a professora França Geralda de Figueiredo e a extrema esquerda, parte do edifício do grupo escolar.....36
- Fig 03.** Fotografia da capela de Santa Luzia. Construída por Valentim Gonçalves como pagamento de uma promessa. Fotografia datada de 13 de novembro de 2004.....39
- Fig 04.** Fotografia de Ana Saraiva de Freitas (Dananinha). Tendo aproximadamente 45 anos de idade quando fotografada.43
- Fig 05.** Fotografia de Tiburtino Veríssimo Dantas. Tendo aproximadamente 65 anos de idade quando fotografado.45
- Fig 06.** Arrancando Botija, Xilogravura de José Francisco Borges. Ritual de desenterramento de uma botija.58
- Fig 07.** Quadro da sala de Dananinha onde supostamente a botija estaria atrás dessa parede. À direita a imagem de Nossa Senhora do Carmo; à esquerda a imagem do Coração de Jesus.72
- Fig 08.** Parede do antigo quarto de Dananinha onde supostamente foi encontrada a primeira botija.....73

Fig 09. Chão do quarto de Dananinha onde supostamente foi encontrada a segunda botija.....77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1- História das histórias de botijas	16
1.1 Memória e cultura popular.....	17
1.2 O falar, o contar.....	24
1.3 Os que falam sobre botija.....	27
CAPÍTULO 2 – Conhecendo a história: Dona Ana e as Botijas de Várzea da Ema.	31
2.1 Notas informativas sobre o Distrito de Várzea da Ema	31
2.2 Vida, cotidiano e história de Dananinha.....	42
2.3 As assombrações do moderno: elementos que cortam esse universo de tradição....	48
CAPÍTULO 3 – Histórias das botijas de Dananinha: Universo de tradições e crenças presente na atualidade e cotidiano de Várzea da Ema.	53
3.1. Na historiografia das botijas elas remetem a um passado.....	54
3.1.2. Coisas de memória... da tradição cultural de ontem.....	60
3.1.3. Várzea da Ema: um terreno fértil de crenças em botijas?.....	63
3.2. Memórias de outras botijas no universo de crenças da circunvizinhança de Várzea da Ema no sertão paraibano.....	67
3.2.1 No sítio Dias: a botija de Dona Imbilina	67
3.2.2 No Alto Sobradinho: a botija doada a Francisco Saturnino de Souza.....	69
3.3 Em Várzea da Ema: a história de uma botija que rompe o tempo passado... O desenterrar da primeira botija de Dananinha.....	71
3.3.1 O desenterrar da segunda botija de Dananinha	74

3.4 Uma discussão sobre o que fala a Igreja Católica a respeito de “alma humana”, o destino pós-morte e sobre fenômenos com as botijas de Dananinha.....	78
3.4.1. Alma Humana.....	78
3.4.2. Destino.....	80
3.4.3. Céu, inferno e purgatório.....	81
3.4.4. Existe comunicação com as almas?.....	82
3.4.5. Quais explicações são dadas para os fenômenos do “além” e para os casos das supostas botijas de Dananinha?.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	88
FONTES E BIBLIOGRAFIA.	92
ANEXOS.	95

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a crença nas botijas e nas histórias tidas como de “trancoso”¹ do agora distrito de Várzea da Ema, município de Santa Helena, estado da Paraíba, no alto sertão nordestino. Buscamos compreender como em anos atuais, em que a tecnológica parece ter tomado conta do mundo e alguns costumes parecem ter desaparecido em decorrência do mesmo, as histórias de botijas ressurgem ou se mantêm de forma tão expressiva na cultura e imaginário do distrito.

A princípio, antes da construção desta pesquisa, busquei outros temas para torná-los objeto de pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso, mas perdia meu interesse facilmente. Relutei ao máximo em trabalhar com a temática sobre botija, pois se tratava de uma questão com pouca literatura a respeito. Mas, não desisti, pois era algo que me fascinava desde a infância. Poder ver uma história dessas sobre meus olhos já como estudante de curso de História do CFP/UFCG, foi algo que me aguçou o interesse e me levou a decidir a escrever sobre.

Essa escolha foi reforçada por um outro fator que me causava grande interesse, ou seja, a história do distrito de Várzea da Ema, visto que, essa é imersa em aventura e muita fé. Estaria assim tendo a oportunidade de trabalhar com algo que faz parte do meu cotidiano. Tentar visibilizar um pouco da história do distrito, era uma tarefa a ser cumprida, uma satisfação própria, e também como historiadora, escrever esse trabalho como parte da construção da memória do distrito, melhor dizendo, deixar registrada uma história, ou parte dela.

Desde criança, sempre ouvi muitas e muitas vezes histórias de seres místicos, coisas de outro mundo, assombrações, botijas, cangaço, entre outras. Esse universo que me fascinava. Por ser um lugar bem pequeno, pouco se tinha a fazer. Ao anoitecer, alguns vizinhos se reuniam na calçada para contar seus “causos”, uma história mais fascinante do que a outra, muitas me tiravam o sono, outras só me encantavam ainda mais.

¹ Houve um escritor português, colecionador de contos que tinha por sobrenome Trancoso. Trancoso teve uma evolução semântica e incluía contos fantásticos, fábulas. A semântica explica. Hoje em dia, história de trancoso é algo irreal, fábula, algo lendário. Muitos contos infantis são classificados como histórias de trancoso. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/trancoso/>. Acesso em: 31 out. 2018.

Todos que estavam ali, ouviam atentamente quem contava sua prosa, logo em seguida, surgia outro para contar um conto ainda mais “enfeitado”. As poucas horas antes de dormir, se tornavam pequenas para tantas histórias.

Entre uma brincadeira e outra com as crianças da rua, sentávamos para escutar. Em uma dessas noites não ouvi pela boca de um contador uma história de botija, mas pude ver um suposto ritual se fazendo a poucos metros de minha casa. Não sei bem o dia nem o mês, mas o ano era 2010, quando batidas fortes como de alguém que destruía algo assolava e quebravam o silêncio da comunidade tranquila e pacata.

Aos poucos fomos tomando ciência do que estava acontecendo. Quando alguém comenta: “Duas mulheres do Recife-PE vieram arrancar a botija de Dananinha”. De imediato o medo de assombração tomou conta de muitos que ali estavam. Foi um rebuliço só! No dia seguinte, a rua ficou extremamente movimentada por todos os curiosos que queriam ver com seus próprios olhos o que se ouvia nas rodas de conversas que só aconteciam no “tempo de antigamente”. Passado certo tempo, tudo se acalmou e a tranquilidade voltou a pairar sobre o distrito.

Eis que no dia 20 de abril de 2014, em uma manhã de sol, as “filhas de Abidia” rompem novamente com as histórias de ontem para desenterrar a suposta segunda botija de Dananinha. Neste caso, se travava de uma botija não encantada. Podendo ser desenterrada durante o dia. Só que desta vez não tínhamos mais só os olhares curiosos dos moradores da própria comunidade, agora o mundo através das redes sociais podia ver o desenterrar da segunda botija de Dananinha.

Dentre as inúmeras histórias que escutei, presenciar esses dois fatos me fizeram sentir um misto de arrepio, medo, curiosidade e entusiasmo. Sentia imenso entusiasmo ao ouvir todas aquelas histórias que após o suposto desenterrar das botijas de Dananinha, foram ainda mais enfatizadas durante as conversas na calçada. Isso, portanto, fez com que eu escolhesse essa temática sobre botijas para estudo e desenvolvimento deste trabalho.

Para o imaginário popular “emense” botija é denominada como: tesouro enterrado em potes ou caixas que, se encanta com a morte do seu dono. Uma pessoa de posses com medo de assaltos, ou por não terem bancos nas localidades, ou até mesmo por receio do bando de Lampião, escondiam seus pertences de valor dentro de caixas de madeira, panelas de barro ou algum outro objeto que pudesse ser guardado com facilidade. Com o

passar do tempo, essas pessoas acabavam esquecendo-se do que tinham guardado ou dos locais onde estavam seus objetos, que em quase sua maioria eram de ouro ou prata: garfos, cordões, moedas, broches, brincos, e etc. Com a morte dessa pessoa, sua alma iria para o purgatório, e dependendo de seus pecados cometidos aqui na terra, para se libertar e conseguir a salvação, seria necessário dar esse “tesouro” para uma pessoa merecedora, muitas vezes através de sonhos ou aparições, e esse teria como missão desenterrar esse tesouro e libertar a alma.

Assim, nossa intenção é contar essa história sob a perspectiva de entender os elos que repõem na ordem do dia de Várzea da Ema a crença na botija, narrando suas representações de ontem e de hoje, e os significados a elas atribuídos pelos moradores e sujeitos envolvidos. Para contar essa história em particular dialogamos com outras histórias escritas sobre a temática, a exemplo do trabalho de Socorro Cipriano, tomando-as como referências importantes para nosso trabalho.

Uma dessas referências é Dicionário do Folclore Brasileiro, no qual temos uma interpretação, afirmando que: “as botijas de barro vidrado que vinham da Holanda e da Bélgica, cheias de genebra, eram, depois de bebido seu conteúdo, transformadas em instrumentos musicais.”² Esse ganha outra conotação para o objeto vindo da Europa, transportado pelos colonizadores. Dando assim uma nova função ao recipiente europeu. Aqui vemos a botija como um recipiente que vem de um lugar externo, um território definido, no caso a Europa. Para o entendimento histórico do tema foi de suma importância a fusão estabelecida com o trabalho de Socorro Cipriano (2010) que é na historiografia da Paraíba, quiçá do Brasil, um dos principais trabalhos sobre esse tema, tratando-se de uma pesquisa precursora ao retratar em sua tese de doutorado quando aborda as assombrações na Paraíba, com o foco no capítulo dois de seu trabalho para as botijas: *História de botijas e os labirintos do universo assombroso da Paraíba*.

Os depoentes que contribuíram para este trabalho ao tentarem buscar uma explicação para tais fenômenos de botijas, não contestam sua realidade. “Se as narrativas sobre botijas sobrevivem apesar disso, é porque elas falam sobre outras questões sutis que atropelam a noção simplista de enriquecimento material” (CIPRIANO, 2010, p. 190).

²Para mais ver: Dicionário do Folclore Brasileiro (letra B). Disponível em <<https://nuhtaradahab.wordpress.com/2009/03/02/dicionario-do-folclore-letra-b/>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

Em termos metodológicos, as fontes que foram utilizadas nesse estudo são em grande maioria orais, que se constituiu na realização de entrevistas gravadas, assim os procedimentos e referências da História Oral como possibilidade de ouvir as vozes dos moradores de Várzea da Ema, suas memórias, seus costumes e suas histórias de crenças e da construção da imagem da botija. Suas narrativas nos conduziram a pensar e contar como esses fizeram suas interpretações sobre esse “tesouro”, em contraponto, temos as discussões com base na igreja católica. Com as fontes escritas, objetivamos agregar informações às falas das fontes orais na condução da história das botijas de ontem e de hoje.

O presente estudo só foi possível de ser edificado graças às entrevistas dos moradores de Várzea da Ema, não havendo nenhum registro de nenhuma outra fonte histórica que retrate a história do distrito ou de Dananinha. A princípio, as entrevistas foram pautadas por um roteiro de perguntas, mas à medida que a história ia sendo contada outros fatores foram surgindo, fatos esses que não estavam formulados no roteiro, mas que foram se encaixando como um quebra cabeças. Na mesma medida em que os entrevistados iam citando outros moradores que podiam melhor contar sobre determinado fato.

Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo entender o imaginário cultural do distrito de Várzea da Ema, bem como, problematizar as tensões entre o que versa a igreja católica em suas interpretações sobre as botijas, naquilo em que contém em suas histórias relação com a existência e papel das almas como elemento da crença religiosa. Assim, esta pesquisa está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “História das histórias de botijas”, exponho pontos teóricos metodológicos em que a pesquisa foi produzida, entrelaçando as histórias de botijas através da oralidade e a sua importância para a construção da identidade de uma comunidade, e as teorias e diálogos historiográficos existentes sobre a mesma, assim como também o imaginário social. Trabalharemos ainda com estudos sobre memória, cultura popular, imaginário e representações como suporte teórico para construção de nossa versão.

No segundo capítulo, “Conhecendo a história: Dona Ana e as Botijas de Várzea da Ema”, abordaremos um pouco da história do distrito de Várzea da Ema, pontuando

alguns aspectos em específico que contribuíram para o crescimento local, mas sobretudo sua cultura de crença como campo que se desenrola a vida e a história de Ana Saraiva de Freitas, chamada pelos seus de Dananinha, cuja memória dos que a ela se reportam agregam elementos que cortam as histórias dela e a das tradições de “ontem”.

No terceiro capítulo, “Histórias das botijas de Dananinha: Universo de tradições e crenças presente na atualidade e cotidiano de Várzea da Ema”, demarcamos nosso tema e objeto contando mais detalhadamente a história da botija acompanhando e apresentando as partes do ritual do encantamento e posteriormente o “desentesouramento” da botija; as explicações que a ligam com a passagem de Lampião em 1927 pela região; situamos nosso objeto em um conjunto de alguns costumes e crenças em outras botijas que teriam existido na região que ainda se fazem presentes nos dias atuais na memória e nas narrativas de pessoas do distrito de Várzea da Ema, por fim, descreveremos como se deu o desenterramento das duas botijas da nossa personagem e como a igreja católica se posiciona a respeito das mesmas quando se refere aos chamados fenômenos do outro mundo ou de “almas de outro mundo”.

Por fim, nossa intenção é contar como histórias de botijas se fazem presentes no imaginário e cultura de Várzea da Ema-PB, privilegiando as vozes dos seus moradores que aqui se expressarão e nos possibilitarão esse estudo.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS DE BOTIJAS

Este tema sobre botijas me surgiu logo no início da graduação. Um mês antes de dar início as aulas no ano de 2014.1, momento em que acontecia um “rebuliço” no pacato distrito de Várzea da Ema, lugar onde também habito, era o “desenterramento” do que chamavam os envolvidos de segunda botija de “Dananinha”, no dia 20 de abril de 2014, um dia de domingo véspera do feriado de Tiradentes.

Essas são as informações preliminares dessa história que pretendemos contar como uma das tantas transcorridas no distrito de Várzea da Ema e que faz parte de uma tradição cultural que vem se perdendo ao longo do tempo. Uma tradição que se inscreve no campo das crenças e da religiosidade popular. Dessa história, teremos como principais personagens Dona Ana Saraiva de Freitas (Dananinha)³ dona das botijas que propaga-se terem sido desenterradas, e as suas mercedoras ou beneficiadas com o “tesouro” dona Lica (Maria do Carmo) sua irmã, Peta (Maria do Socorro) e no suposto segundo episódio contamos com a filha de dona Lica, Laninha.

Do ponto de vista teórico, nosso objeto de estudo se situa na tradição historiográfica de suporte da História Cultural e suas discussões. Esse é um tema curioso por lidar com o mundo do “crível e do incrível”, mas que já encontra respaldo na historiografia recente como passamos brevemente a explicar.

Até o surgimento da chamada “nova história”, predominava a “velha História total”, que só atentava para o estudo dos grandes homens, dos exaltados sem se importar com os marginalizados, os excluídos, os populares. Foi através da História Cultural que temáticas desse campo e envolvendo esses sujeitos homens e mulheres não notáveis, como é o caso do meu tema que retrata a botija, vieram à tona, como explica Socorro Cipriano (2010) como algo “menos palpável” tendo visibilidade enquanto objeto de estudo. Trata-se, pois de uma virada de interesses por parte dos historiadores. Na busca de novas formas de diálogo, enriqueceram a historiografia e a colocaram em um necessário e proveitoso diálogo com outros campos do saber.

³ Sua história será abordada com mais ênfase no capítulo seguinte.

Dessa forma, relacionaremos os principais autores regionais e seus respectivos trabalhos historiográficos sobre a temática com as entrevistas de moradores do distrito de Várzea da Ema. De base, teremos Maria do Socorro Cipriano (2010) em sua tese denominada de *Histórias de Botijas e os labirintos assombrosos na Paraíba*, para discutir o mundo do crível e do incrível; o trabalho de Danilo Cezário (2014) *São José das Botijas ou as Botijas de Piranhas: a formação de um imaginário Histórico-Cultural no Sertão Paraibano*, entrará em cena como suporte para o imaginário popular; e o antropólogo Thiago de Oliveira Sales (2006) *Sobre Botijas*, que traz a narrativa sobre o tema transcorrido no interior do Estado de Pernambuco.

1.1 Memória e cultura popular

A produção historiográfica antes da abertura do viés social e cultural, era voltada apenas para uma história elitizada, fosse com sujeitos ou com os objetos. Tinha-se uma noção de cultura muito restrita, significando o lugar da tradição escrita ou cultura clássica e seus objetos. No século XX, acrescentou-se uma infinidade de outros objetos, ou seja, abriu-se novos focos para estudo e produção historiográfica e nesse contexto tem-se que a História Cultural “[...] é particularmente rica no sentido de abrigar no seu seio diferentes possibilidades de tratamento, [...] ou a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de ‘cultura’” (BARROS, 2008, p. 55) que tem por objetivo estudar toda historiografia que se lance sobre um enfoque cultural de uma dada sociedade. Visto que, qualquer indivíduo é produtor de cultura, não necessariamente este precise produzir algo material de cunho artístico ou intelectual. O simples fato da comunicação já é produzir cultura, seja ela falada, de gestos ou códigos próprios de uma determinada sociedade. (BARROS, 2008).

As histórias de botijas contadas por muitas gerações até os dias atuais e o próprio ritual desta nos fazem notar a produção cultural da comunidade que vos apresentarei nos próximos capítulos. Como Barros nos afirmou, esses sujeitos (no caso homens e mulheres envolvidas com as botijas) não precisaram ser artistas, intelectuais ou artesãos, mas transmissores através da oralidade de um ritual ou para outras histórias de “Trancoso”. Ainda assim, a prática cultural não se faz apenas no momento do contar, mas também na

recepção, pois quem escuta elabora de forma exclusiva em seu consciente um processo de criação de imagens e símbolos para determina história.

Assim, incorporando novos objetos, e novas temáticas a Nova História nos deu essa possibilidade de (re)pensar novas ou não, formas de se fazer história. Por esse caminho, podemos pensar na abertura que a cultura, as representações, a memória, o imaginário, e também a subjetividade tiveram e estão tendo, indo na contramão do caminho e enquadramento positivista, cada vez mais trazendo significação àqueles que em sua grande maioria, jamais pensaram que fariam parte do fazer histórico.

É inerente do ser humano o ato de pensar e conseqüentemente o imaginar. Segundo Cezário “[...] o imaginário é algo coletivo, sendo representado por um conjunto de símbolos, ritos, crenças e diferentes linguagens” (2014, p. 18). Esse imaginário está imerso a um cenário coletivo de símbolos e crenças sociais, caracterizando assim a cultura, a ideologia de uma dada sociedade. Dessa forma, o “imaginário é mais do que apenas o resultado direto da capacidade de imaginação, sendo principalmente o produto de uma determinada elaboração cultural coletiva” (CEZÁRIO, 2014, p. 18).

Dentro desse âmbito coletivo, nós podemos dizer que a sociedade tem como fator primordial o dever de conservar sua história, pois esta é de fundamental importância para a base cultural das novas gerações.

Ao falarmos de imaginário, podemos nos remeter a memória social que é também memória afetiva, pois é através desta que pessoas podem exprimir seus sentimentos, anseios e desejos, dentre outros. Quando nos remetemos a personagem principal do nosso estudo, a senhora chamada pelos seus de Dananinha, essa memória afetiva vem fortemente por aqueles que conviveram com a mesma, assim como o imaginário se faz presente por aqueles que a ouviam contar suas histórias e mais recentemente dos que ouvem falar sobre as tão famosas histórias do desenterrar do “tesouro” de Dananinha. Quando falamos em botijas, podemos listar inúmeros sentimentos, mas daremos ênfase ao medo e a ambição como os mais presentes no imaginário social dos que falam sobre o tema, o primeiro aos que temem o ritual do desenterrar, muito presente no imaginário com figuras horrendas; o segundo aos que sonham e tem esperança de ficar rico com o “tesouro” achado.

Ao adentrarmos no mundo das botijas, o imaginário nos leva ainda da dimensão do crível para o incrível, indo em busca de aventuras que não poderiam ser encontradas no mundo “real” (CEZÁRIO, 2014). Como o que acontece com as botijas nos discursos dos entrevistados, que justificam que esse tesouro deve ser desenterrado por alguém que não seja ganancioso, representado na figura de uma pessoa bondosa que vai ajudar uma alma que pena no purgatório por ter sido avaro e não ter em vida deixado esse “tesouro” para outra pessoa, por algum motivo não identificado.

A “história da memória, coletiva e individual, busca revelar a importância dos estereótipos para determinadas gerações, já que a perpetuação da memória comporta algumas distorções” (HONOR, 2005, pág. 151). O fato vivenciado por muitas pessoas pode ter diferentes sentidos, dependendo de onde parta o discurso, este pode ser influenciado pela classe social e religiosidade em que estão inseridos seus porta vozes. Assim, o discurso tem que ser entendido mediante uma observação do que está por trás do aparente.

O universo das botijas como temática, se situa no campo de múltiplas abordagens, comporta estudos sobre cultura religiosa, crenças, tradições, imaginário, memórias e lembranças. Nesse sentido, nosso foco de pesquisa se encontra diretamente com as fontes orais, quando fazemos o resgate da história das botijas por meio das memórias.

Durante a pesquisa me deparei com as mais variadas situações e expressões de falas de botijas. No decorrer das entrevistas, depoimentos chegam até mim como uma avalanche de informações, feitas de forma compassada e com muitas pausas para a busca da memória. Em determinados momentos, era como se buscassem por algo que fosse mais importante do que já havia dito ou relatado até aquele momento. Aconteceram casos em que mesmo quando já havíamos encerrado a entrevista, muitas outras informações vinham à tona.

Quando nos debruçamos a pensar em ocorrências como esta, lembramos Bosi (1994) em seu livro *Memória e sociedade; lembrança de velhos*, quando esta nos adverte que “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afluem depois da entrevista (...). Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito” (BOSSA, 1994, p. 39).

A memória, quer seja de uma pessoa jovem ou mais velha, é conservada em “arquivos” no nosso cérebro, o que possibilita serem acessadas quando necessário. Muitas vezes esse acesso se torna difícil de imediato quando solicitado, mas como Bosi diz: “memória puxa memória” (1994, p. 39). Ao passo em que os fatos vão sendo relatados, fragmentos de outras histórias vão sendo incorporadas, se encaixando em lacunas que pareciam não poder ser preenchidas.

Quando nos recordamos do nosso passado, muitas vezes ao falarmos dele para outras pessoas, podemos ter impressão de estarmos olhando para um projetor, que nos traz vivamente as imagens do passado. Para muitos, recordar o que se viveu é se sentir contagiado e satisfeito por lembrar tão frescamente de um tempo “que não volta mais”. Felizes por contarem uma história que parecia não ter importância, ou até mesmo que nunca mais ia ser recordada, pois estavam em um “arquivo” empoeirado e escondidinho que não mais seria remexido. Segundo Bosi “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conserva-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembranças” (1994, p. 53). Essas lembranças também estão enraizadas e serão passadas de acordo com as relações de: profissão, família, classe social, amizade e etc. O meio em que se vive é também um grande influenciador/ selecionador do que é dito.

O tempo também é outro fator que altera nossas lembranças, não pelo fato de esquecermos, mas porque o tempo nos faz ver no presente episódios ocorridos no passado de maneiras diferentes. Não se trata de que a pessoa que relata sua memória esteja intencionalmente querendo modificar/manipular o que se fala, o fato é que, durante o relato, posicionamentos adquiridos no presente vão sendo colocados, diferentemente ou não se esses conhecimentos foram perpassados em épocas anteriores. Isso porque, segundo Bosi “[...] nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e com ela, nossas ideias, nossos juízes de realidade e de valor.” (1994, p. 55).

A memória pode ser evocada inconscientemente enquanto dormimos, e se faz viver através do sonho. Algo que já havíamos vivido, mas que não se fazia presente no nosso consciente é evocado por um desejo, também inconsciente. Em algumas pessoas, não se é possível ter a noção de que o fato é real ou pura construção imaginária, em muitos casos só quando algo nos traz à lembrança desse sonho que conseguimos entender esse “quebra-cabeça”.

Para algumas pessoas, mesmo durante o sonho, essas conseguem ter alguma noção de realidade, podemos explicar o fato de que algumas pessoas quando sonham com algum conhecido que já morreu, tem a consciência de que esse já não vive mais, mas ao mesmo tempo em que, durante o sonho, toda a “trama” se faz como se esse ainda estivesse vivo. Podemos dizer que mesmo durante o sonho temos noção de tempo cronológico e social em que vivemos.

Nesse sentido, o coletivo também tem suas influências no sonho, são conjuntos de representações vividos pela pessoa que sonha, e que é perpassada pela linguagem coletiva e cultural de determinada comunidade. No nosso caso, temos as histórias das botijas que eram e ainda hoje são contadas em rodas de conversas pelos mais velhos, e muito desejada pelos mais novos. A forma como essa linguagem é transmitida coletivamente se tem reflexos em imagens sonhadas e assim podemos dizer que o sonho não é algo tão individual quanto parece ser, mas sim uma construção inconsciente da linguagem coletiva.

Como linguagem coletiva, a cultura narrativa de tradição oral está repleta de histórias assombrosas que se faziam e ainda se fazem presentes nas rodas de conversas, no cotidiano e no imaginário social. Por vezes, pareciam apenas contos para “colocar medo”, ou simplesmente para competir e saber quem contava a prosa mais interessante.

São tradições como a de fazer as fogueiras na noite de São João e São Pedro e no dia seguinte colocar as cinzas em volta da casa para espantar o mal, ou as histórias assombrosas de botijas, em que o merecedor apenas contou o sonho, até o que teve coragem e “arrancar”, fazendo-se esses “corajosos” muito ricos, e etc⁴. Para Bosi (1994, p. 63) “[...] neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade”.

São, pois os personagens e narrativas da tradição cultural de oralidade os responsáveis pela presença desse universo de representações no cotidiano do ontem e de hoje.

Quando nos referimos aos contos assombrosos, não devemos colocar em questão se este é verídico ou não, pois “[...] a lembrança é a história da pessoa e seu mundo,

⁴ De acordo com os relatos dos depoentes.

enquanto vivenciada” (BOSI, 1994, p. 68, *apud* STERN, 1998, p. 55). Mundo este que por muito tempo esteve longe de toda e qualquer tecnologia, e que aos poucos foi introduzindo às mudanças que se fazia em todo o mundo, mas em seu próprio tempo. Tempo em que só existiam apenas duas estações do ano, tudo girava em torno de aproveitá-las ao máximo, em tudo o que tinha de bom e ruim nelas. Era nesse tempo vagaroso longe da tecnologia que as histórias contadas por seus avós chegavam até as mais longínquas gerações. Não caía para aquele momento a palavra “será”, como uma forma de dúvida ou questionamento do que se dizia, não pelo fato desse não poder ser questionado, mas sim por se tratar de um momento de puro encantamento e magia para os que ouviam atentamente.

As histórias que eram contadas não necessariamente seguiam o mesmo roteiro utilizado de seus avós, a forma, o “enfeite”, a emoção, era dado de acordo com o contador e a cada nova narração, detalhes podiam ser acrescentados ou retidos, não necessariamente de forma proposital, mas por pura relação inconsciente do lembrar.

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo. (BOSI, 1994, p. 68).

Quando se queria saber a melhor época a se plantar, era para os mais velhos que se perguntava, qual melhor experiência a se fazer, qual norte se tomar para determinada situação, pois estes tinham vivido o suficiente para saber lidar com as mais variadas adversidades da vida e por isso o respeito era algo valioso. Para muitos, as lembranças sobre os mais diversos fatos da vida faziam da memória de um velho um “baú do tesouro” que guardava o mais vasto conhecimento e que agora era repassado e ainda hoje se faz.

Não pense caro leitor, que o lugar que eu vos falo parou no tempo por costumes como esses já citados ainda estarem vivos, e as reuniões para contar os “causos” se fizerem presentes, mas mesmo que com a inserção tecnológica de informações e cultura,

o respeito à memória e à lembrança de quem viveu em outros tempos, ainda tem sua importância. Os contos assombrosos ainda prendem a atenção de quem escuta, a metodologia de quem os narra é muito boa, pois foi aprendida com os que viveram em uma época na qual a astúcia e a sabedoria era algo lapidado e aprimorado desde sempre. Como diz Eclea Bosi, trata-se de “[...] um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos” (BOSI, 1994, p. 82).

A memória em si já é algo muito importante quando repassada e quando essa memória é de alguém que já viveu em tantas outras épocas se torna ainda mais empolgante, pois atravessou décadas, e em suas mudanças, viu grandes acontecimentos. Acontecimentos que não estão registrados em livros ou outras fontes “[...] a arte a narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral” (BOSI, 1994, p. 85). Histórias de tempos remotos, de lugares esquecidos no tempo, em que a tecnologia e os “avanços” chegam a passos lentos, e que temos como cenário as histórias de botijas e outras assombrações, não só as que explicarei, mas as muitas outras que se fizeram e fazem presente na memória de senhores e senhoras que ouviam quando crianças e que repassam para ouvidos atentos nas rodas de conversa nas calçadas à noite.

Essa memória é repassada pela oralidade, e é introduzida na historiografia através da História Cultural que surge a partir da década de 1960 e desencadeia a História da cultura popular, assim como a introdução das marginais, “[...] não se limitando a analisar apenas a produção cultural literária e artística, [...] mas a toda historiografia que se volte para uma dimensão cultural de uma determinada sociedade historicamente localizada” (BARROS, 2008, p. 56). Um fazer humano que vai além das tarefas e lidas de trabalho para a sobrevivência material.

A memória é dividida por etapas de nossa vida, essas etapas são marcadas, delimitadas (se assim podemos dizer) por acontecimentos, sejam eles coletivos ou individuais. Momentos em que nos recordamos do “evento” e conseqüentemente em que época de nossa vida ele aconteceu. Podemos citar exemplos de pessoas que se casam ou se formam em determinado ano e assim se utilizam desse acontecimento específico para recordar outros fatos que se fizeram naquele determinado tempo. Na cultura do sertão, também é muito corriqueiro o fato do sertanejo assimilar determinados acontecimentos

individuais às estações do ano ou aos fenômenos naturais como as secas, as colheitas, não esquecendo os “dias de santos”.

1.2 O falar, o contar...

Como falado no tópico anterior, alguns fenômenos da natureza são usados como referência, demarcando assim esse fenômeno ou dia de santo como uma data especial ou não, dependendo do acontecimento para cada pessoa. Thompson (1998), procura dar sentido a história local dizendo que “[...] por meio da história local, uma aldeia, ou cidade busca sentido para própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história” (THOMPSON, 1998, p. 22).

Essa história local é perpassada por uma fonte muito importante, mas que por muito tempo enfrentou grandes desafios e preconceitos quando se apresentou na história como fonte de pesquisa, falamos da fala, da narrativa, das experiências ou do que se convencionou chamar de história oral:

Não bastante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; [...] pode devolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. ” (THOMPSON, 1998, p. 22).

Falar de uma história para quem a viveu é como dar “vida” a mesma, é a oralidade feita de uma forma especial, pois tem a marca e o registro de quem esteve presente. É retomar o “causo”, o fato ou a situação com emoção.

A história oral para muitos pode passar a impressão que se tenta refazer através da oralidade o que foi vivido, mas mesmo que se tentasse reproduzir o passado através da fala, demoraríamos uma outra vida para fazê-la, pois não se é possível fazer um resgate

total do vivido mesmo que esse tenha acontecido a pouco tempo. Não podemos reconstruir o passado. O passado é interpelado e dele se constroem versões.

As falas e narrativas são expressões das experiências de pessoas que efetivamente viveram ou presenciaram determinado fato no tempo, fazendo desde único e singular para a construção da história que se busca saber.

O trabalho com a história oral leva a quem realiza a entrevista, ter muitas vezes a sensação de estar de volta à época relatada. A forma como o entrevistado conta, tem uma riqueza de detalhes tão particulares, não encontrados em nenhuma outra fonte escrita, temos a impressão de vermos aquele determinado momento. “Quando isso acontece é porque nela encontramos a “vivacidade” do passado, a possibilidade de revivê-lo pela entrevista. Não é à toa que a isso muitos dão o nome de história (ou memória) ‘viva’”. (ALBERTI, 2010, p. 15).

Esse pode conter sentimentos do momento em que são relatados, transformando-se ou não com o tempo. Assim também como não existe “começo e um fim” para o que é contado, o que se tem são recortes do que é perguntado, como disse anteriormente, não se pode reproduzir o passado, dessa forma não temos como fixar onde começa e termina determinado fato, visto que este está ligado por fios que formam uma imensa teia histórica, nas extremidades, temos outras pessoas que vão tramando de forma singular o mesmo fato, são sujeitos de uma mesma história com visões particulares de um determinado acontecimento ou tempo, como observa o autor:

A história oral é um procedimento metodológico que busca pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzias e estimuladas. [...] Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim o registro de depoimentos sobre essa história vivida. (DELGADO, 2010, p. 15/16).

Essa produção ganha inúmeros meios para se fazer, passando muitas vezes pela antropologia, psicanálise, documentos escritos, dentre outros. Mas, podemos dizer que o meio mais importante é a memória, sendo esta base das narrativas, um cabedal infinito de múltiplas informações que se inter cruzam e conversam entre si. “Por tanto, a história oral

é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico” (DELGADO, 2010, p. 16).

É o passado ganhando voz no presente por meio das narrativas. O “recontar” de um mesmo acontecimento, por diferentes indivíduos que passa por diferentes processos, podendo citar o esquecimento, omissões, “endeusamento” de alguém ou algo, tudo isso contribui para a junção de fatos sobre o passado em um determinado tempo e espaço, segundo a visão do depoente.

Nessa relação do contar, Delgado (2010) nos fala sobre os múltiplos tempos que são inerentes ao resultado final da produção. Pois nestes estão presentes o tempo passado (que é o fator de pesquisa); o tempo percorrido (a vida do depoente) e o tempo presente (que é o fator de estímulo e indagação do entrevistador em busca de informações contidas no passado).

O que é muito comum sobre essa relação de múltiplos tempos, é perceber como é comum na fala das pessoas que elas se referem com felicidade de um tempo em que elas não viveram, mas que foi transmitido a essas por outras gerações como um tempo bom ou ruim dependendo muito da forma como foi transmitido pela memória coletiva.

Assim como essas possibilidades, a história oral é caracterizada como uma das mais abrangentes, essa também encontra limites que devem ser observados: subjetividade, influência involuntária ou não de quem transcreve. Expressões corporais que muitas vezes “falam” mais do que a própria oralidade, informações contraditórias. Não podemos ver esses fatores como desqualificantes ou desestimulantes para a pesquisa, pelo contrário, ganha estímulo para a mesma, se tornando parte do compartilhamento e do fazer histórico, contribuindo e abrangendo para a história coletiva através de visões particulares. Não me refiro aqui somente à temática das botijas, mas outras tantas que metodologicamente é um grande desafio de se trabalhar devido a poucos registros e/ou a vontade de se falar sobre determinado assunto.

“Comunicar” é produzir cultura, e, de saída, visto já implica na duplicidade reconhecida entre Cultura Oral de Cultura Escrita- sem falar que o ser humano também se comunica através dos gestos do

corpo, e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu “modo de vida”. (BARROS, 2011, p.41)

Portanto, a história oral é uma ferramenta que concede a realização de entrevistas a pessoas que fizeram parte de um determinado fato ou que ouviram falar sobre esse. Tendo por finalidade a construção de documentos históricos. A história oral “[...] não é a História em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória” (DELGADO, 2010, p. 18).

1.3 Os que falam sobre botija

Curiosidade, estranheza ou também medo, são palavras pelas quais a temática com relação à botija tende a despertar, desde as mentes mais “fantasiosas” até as mais “racionais”. Esta causa essa relação de sentimentos por misturar elementos exóticos e pouco comuns, como: morte, sonho, tesouro. O que para muitos é algo realmente fantasioso que não tem a menor condição de ser discutido por ser considerado “louco” demais. Para outros, é um movimento de fé e crença que só o merecedor consegue realmente entender (não estou falando em verdades ou mentiras, apenas expus os fatos, cabe ao leitor essa decisão, ou não!). Pensando assim, queremos dizer que a nossa temática sobre botija, é ainda um assunto polêmico, até mesmo para alguns historiadores, pois ela está inserida no universo do crível e do incrível, no campo do assombroso, da imaginação. Uma área que levanta muitas indagações e resistências.

Fazendo-se assim por envolver elementos de desejo, como o “tesouro”; o medo no caso da morte; e o fantasioso que seria o sonho. Discutir essa temática dependendo do espaço/tempo de quem os escuta pode ser algo, como já disse a cima, “louco” demais para ser verdade ou uma história de muita fé e crença. Mas após alguns trabalhos de cunho acadêmico serem publicados e obterem uma boa aceitação, a temática está ganhando cada vez mais espaço e visibilidade.

Contextualizando a questão de que, trabalhar sobre botija remete em especial a acontecimentos que envolvem uma determinada “alma”, aquela que dá seu “tesouro”, se trata de “loucura” ou algo parecido, pois para muitos, não se deve “mexer” com quem está à procura de descanso, ou seja, revirar uma história de uma “alma” que já fez o que

tinha de ser feito, ou seja, sua passagem para poder “descansar” em paz na salvação eterna.

As histórias de botijas aparecem hoje na historiografia nos trabalhos como o de Socorro Cipriano: *Histórias de Botijas e os labirintos do universo assombrosos na Paraíba* (2010), estudo de referência no assunto. O trabalho do antropólogo Thiago de Oliveira Sales: *Sobre Botijas* (2006), e mais recentemente o trabalho de Danilo Cezário: *São José das Botijas ou as Botijas de Piranhas: a formação de um imaginário Histórico-Cultural no Sertão Paraibano* (2014), faz as histórias de botijas ganharem um enfoque e quebrar tabus, isto porque mesmo após a abertura cultural sobre campos como o imaginário, memória, oralidade, dentre outros, discutir e problematizar sobre botijas ainda é motivo de espanto e contrariedade.

Socorro Cipriano em sua tese de doutorado, assim como Danilo Cezário, vão nos trazer um universo incrível sobre o mundo assombroso que se fez muito presente em suas infâncias, histórias essas que pairavam suas imaginações de criança, (da mesma forma que aconteceu comigo) muitas vezes contadas no “terreiro” de casa logo após o entardecer, onde as pessoas se reuniam. Tornava-se para os que ouviam atentamente todo aquele desenrolar de tramas, algo magnífico. A cada conto, novos “enfeites”, para tornar tudo mais emocionante. Encantados por histórias de “trancoso”, tesouros, seres de outro mundo, despertaram (em nós) o desejo, de falar/produzir um pouco sobre as “invenções”, os causos que estão cada vez mais difíceis de serem “testemunhados”.

O fato da botija de Dananinha ter se passado muito recentemente alimenta ainda mais a imaginação de muitas das pessoas que tomam ciência do fato, ainda mais por ter supostamente acontecido duas vezes. As histórias que se criam em torno das botijas são das mais diversas, partindo da fala de quem acredita que tudo não passa de uma invenção/loucura, até de pessoas que “aumentam”⁵ o fato ocorrido. “Ao serem reatualizadas pela memória, são reinventadas, muitas vezes, como estratégias discursivas para constituírem identidades locais” (CIPRIANO, 2010, p.130).

Em se tratando de botijas, conforme Cezário (2014, p. 21) “[...] as especificidades de fontes que não são palpáveis e/ou verificáveis como a grande maioria dos tipos de

⁵ Como é chamada popularmente a história que é acrescentado fatos que não existiram ou não ocorreram, apenas para dar mais emoção/magia ao acontecido.

fontes históricas existentes”, já nos dá uma noção de quão complexo está inserido essa temática, pois esta lida com o real e o irreal, um mundo que não “vemos”, mais especificamente com uma personagem central que é a “doadora” do “tesouro” e a história de sua família e comunidade. Sendo assim, buscamos sempre nos associar e empregar trabalhos acadêmicos de referência para nos respaldar teoricamente.

Cipriano em seu trabalho, também aponta para outros temas de um imaginário rico de seres encantados como lobisomem, bruxas, besta-fera, dentre outros, como parte da provação do merecedor da botija, que mesmo ao ver esses seres horrendos, continuaria com o ato de desenterrar, provando assim ser realmente o merecedor.

Cezário retrata como foco principal em seu trabalho a mudança da cidade de São José de Piranhas, anteriormente chamada de Jatobá, para uma outra localidade em virtude da construção do açude onde as pessoas acabaram esquecendo ou deixando para trás seus “tesouros” enterrados, causando assim após a mortes do seu dono, o “aprisionamento” de sua alma. Esse enterrar se dava muitas vezes pela falta de banco nas cidades interioranas e/ou por medo de saques e ataques de cangaceiros. “Esta prática de enterrar dinheiro foi comum num período em que não existiam bancos ou mesmo quando eles emergiram no século XIX eram vistos com desconfiança” (CIPRIANO, 2010, p. 128).

No que se refere ao distrito de Várzea da Ema, as informações sobre botijas são reafirmadas a partir dos relatos de moradores que já sonharam, viram, ouviram, imaginaram as botijas. Em especial aos que vivenciaram o “desenterramento” das duas botijas de Dananinha, como é o caso do Sr. Francisco Hélio Gonçalves de Brito. A Sra. Maria do Céu Dantas, e o Sr. Antônio Saturnino de Souza, que afirmam que estes transcorridos geralmente se dão embaixo de árvores típicas da região sertaneja da Paraíba ou em casas antigas.

Dessa forma, enquanto prática cultural, a definição de botija sofre um alargamento simbólico e ganha um sentido mais amplo, passando a ser designada como tesouro enterrado, inclusive em outros recipientes, como por exemplo, caixas de madeira, panelas de barro e outros utensílios domésticos, a exemplo das chaleiras e bules para café. (CIPRIANO, 2010, p. 128)

Portanto, as histórias de botijas são reafirmadas de forma subjetiva a partir de experiências vividas ou advindas de relatos orais mergulhadas nas tradições, o que nos dá a possibilidade de fazermos novas e singulares leituras sob o tema. “O universo do fantástico permite ao homem experimentar a sensação de perda de vínculos; ele não precisa ter fé, e não precisa ser racional” (SALES, 2011, p. 76).

Assim, ao apresentarmos nossa temática no campo dos estudos históricos, objetivamos compreender um pouco sobre o mundo do crível e do incrível do qual as botijas estão inseridas, assim também como, entender que a oralidade enquanto fonte, abrange um leque de possibilidades dependendo do que se procura responder. E que esta é perpassada através de um conjunto de memórias, sejam elas, afetivas, sociais, individuais e etc.

CAPÍTULO 2

CONHECENDO A HISTÓRIA: DONA ANA E AS BOTIJAS DE VÁRZEA DA EMA

Neste segundo capítulo, abordaremos um pouco sobre a história do distrito de Várzea da Ema, localizada na mesorregião do sertão da Paraíba, na microrregião de Cajazeiras, lugar no qual Dona Ana (Dananinha) protagonista das botijas passa boa parte de sua vida, desde o casamento até a morte.

Faremos uma breve caracterização da história do distrito que, inicialmente pertencia à cidade São João do Rio do Peixe. Pontuaremos os principais aspectos como: o grupo escolar, a capela de Santa Luzia e a Associação São Vicente. As informações são referenciadas a partir de relatos orais, visto que não se tem nenhum registro escrito sobre a história do distrito de Várzea da Ema-PB.

Em seguida, abriremos espaço para a vida, história e um pouco do cotidiano de Dananinha, assim como também relataremos alguns aspectos que cortam esse “tempo de antigamente” na comunidade.

2.1 Notas informativas sobre o Distrito de Várzea da Ema

Faz-se necessário falar um pouco sobre o distrito, em virtude de lá se passar toda a trama mística em torno da botija e conseqüentemente por esse também ser o local que residia Dananinha. Nossa questão é entender e situar esse lugar sob o ponto de vista de seu cotidiano, sua gente, sua cultura e imaginário propicio há histórias tais quais as histórias de botijas, objeto desse nosso estudo.

O Distrito de Várzea da Ema está localizado a 40 quilômetros da cidade de Santa Helena a qual pertence, e a 489 quilômetros da capital João Pessoa. Ganha esse nome em virtude da grande quantidade de emas que tinha na região e por sua localização geográfica⁶. Várzea da Ema é considerada pelos seus habitantes um povoado pequeno e pacato no alto sertão paraibano.

⁶ **Várzea** é um substantivo feminino utilizado para denominar uma planície ou terreno plano, em um vale extenso e cultivado. No Brasil, as várzeas são conhecidas por serem terrenos cultiváveis junto aos rios e ribeirões. Disponível em: <https://www.significados.com.br/> Acesso em: 15 nov. 2018.

Ao que se tem notícia, a formação do povoado se deu há mais de 120 anos, quando algumas pessoas por acaso acharam essas terras. Esses eram os irmãos Veríssimo. Tiburtino Veríssimo Dantas juntamente com seus irmãos José Veríssimo, Joaquim Veríssimo e Raimundo Veríssimo, moravam no lugarejo chamando de Pititinga, localizado entre o sítio Formigueiro e Santa Rita, também próximos ao distrito de Melancias, todos atualmente pertencentes à cidade de Santa Helena. Eles viviam da criação de gado e da agricultura, o fato de terem muitas cabeças de gado soltas nas matas, fazia com que esses de tempos em tempos remanejassem o gado para outras regiões em busca de alimentação e também, porque em algumas épocas do ano algumas regiões ficavam alagadas, impossibilitando que o gado mudasse de local, sendo assim o remanejo era feito antes da invernada.

A região onde está localizada Várzea da Ema é uma grande planície que não fica alagada como as outras regiões ao seu redor, visto isso, Tiburtino e seus irmãos ao estarem tangendo o gado e fugindo do bando de Lampião em uma de suas primeiras andanças pela região, acabaram por acaso vindo parar naquelas terras. Ao chegarem lá, se depararam com terras planas e de mata fechada. Por ser o único local seco, se fazia uma grande concentração de emas que buscavam abrigo embaixo das árvores de pau branco, mufumbo e pereiro. Sobre esse tempo, Pessoa (2018) relata:

Padim (Tiburtino) morava lá na Pititinga mais os irmão Zé Virisso, Joaquim Virisso, Raimundo Virisso. Eles vivia tangendo gado e aqui (Várzea da Ema) não tinha nada, era só mata fechada, aí por acaso eles acharam aqui. Era tudo arrudiado de água, mais só aqui que não tinha, porque era um pouco mais alto, e como tudo ao redor tava alagado as emas ficava tudo junta por aqui, que era o único canto seco. (PESSOA, 2018)⁷.

Então, fizeram naquela terra um rancho provisório até que Lampião fosse embora das imediações, pois tinham planos de depois da passagem dos cangaceiros voltarem para

⁷ Tentamos transcrever o mais fielmente possível as falas de nossos entrevistados. Desconsiderando a norma culta e a ortografia oficial.

a Pititinga. Passados em torno de dois meses decidiram brocar⁸ a mata já que como observaram eram terras boas para o plantio, visto que não alagavam, assim, fincaram morada, brocaram uma parte da mata e construíram suas casas. Joaquim Veríssimo como tinha mais cabeças de gado, construiu mais umas duas casas para trazer algumas pessoas para ajudar com o plantio e o rebanho.

Joaquim Virrisso como era o mais ricussado, tinha muito gado. Daqui pra chegar em Pilões era tudo no aberto, não tinha cerca em canto nenhum. Eles capava os boi ia pegar com uns três anos. Padim tinha uns cinquenta bois, Zé Virisso uns vinte, e Joaquim Virisso muito mais de cem. (PESSOA, 2018).

Pouco tempo depois, o grande fazendeiro Valentim Gonçalves que morava em Antenor Navarro, atual São João do Rio do Peixe, toma conhecimento de onde estavam morando os irmãos Veríssimo, visto que, Joaquim Veríssimo ia muito aquela cidade comprar mantimentos para ele e seus moradores, além do fato de Valentim ser casado com uma irmã dos irmãos Veríssimo.

Ao saber que essas terras eram boas para o plantio e para a criação de gado, por não alagarem como as demais regiões, decide ir ver de perto aquele lugar. Dizendo que se aquelas terras fossem boas como diziam, iria se juntar aos irmãos Veríssimo. Dessa forma, pouco tempo depois fez uma casa para morar e trouxe uma parte de seu gado para a região, ia algumas vezes a Antenor Navarro ver sua outra propriedade e comprar mantimentos.

Aos poucos, os irmãos Veríssimo e Valentim Gonçalves foram cercando e demarcando suas terras através de um processo de apropriação.

Valentim foi e veio e fez uma casa aqui, ali onde hoje mora João Dias. Ele ainda morou um tempo aqui e ia de vez em quando em Antenor vê

⁸ Desmatar uma determinada região. Deixando-a limpa para morar ou plantar.

as terras dele lá. E aqui Valentim e padim mais os irmão saíram fazendo cerca, cada um com seus pedaços de terras. (PESSOA, 2018).



Figura 01- Fotografia de Valentim Gonçalves.

Fonte: Acervo da capela de Santa Luzia, Várzea da Ema, novembro de 2018.

Seu Tibertino e seu irmão Joaquim Veríssimo sempre foram vistos como grandes latifundiários, em especial Joaquim, o qual mais possuía gado dentre os irmãos. Valentim, conhecido como grande fazendeiro em boa parte da região, mas como ficou só um determinado tempo residindo no povoado perdeu a fama por lá. Essa estava mais voltava para dois dos irmãos Veríssimo.

Seu Tibertino toda vida teve terra, aquelas que Pedim tomava de conta e umas lá na lagoa das pedras e tinha na roça da Mutamba que a gente chamava de “roça das minina”. (DANTAS, 2018)

A princípio, era em torno de quatro casas, aos poucos, os filhos dos primeiros casais foram casando e construindo novas moradias, e assim povoando a pequena vila.

Por aqui tinha pouca casa, era a de madinha; ali onde hoje é o canal morava Perpétua Dantas; a casa de Joaquim Virisso, Ze Virisso... era pouca gente (DANTAS, 2018).

Com exceção das terras dos irmãos Veríssimo e de Valentim Gonçalves as demais não eram demarcadas ainda, era apenas mata fechada. As pessoas ao saírem em busca de terras férteis para o plantio, acabavam chegando até aquelas terras e ficando morada, desmatavam e construía suas casas. O fato da localização geográfica ser de excelente qualidade para o desenvolvimento da agricultura, visto que se localiza bem próximo ao rio que deságua na bacia do rio do peixe⁹, era um grande atrativo para aqueles que buscavam terras férteis e de fácil cultivo, além a criação de gado. Boa parte das terras do povoado e em seus arredores eram do grande fazendeiro Valentim Gonçalves, que logo após uma promessa, doa um terreno para a construção da capela. Segundo Cipriano,

Para muitos habitantes do interior do Estado, a relação estabelecida com a natureza é vista como uma questão de sobrevivência, muito embora norteadada pelo medo e pelo respeito. Uma relação ambígua, a que se estabelece com a terra, pois para quem mora no campo, mesmo durante a primeira década do século passado, a terra assume um lugar da mãe de todos: onde se planta o que comer, onde se vive, onde se morre.

⁹ O Estado da Paraíba está dividido em onze bacias hidrográficas[...]. A bacia do Rio Piranhas foi ainda dividida em quatro sub-bacias (Rio do Peixe, Rio Piancó, Rio Espinharas e Rio Seridó) e duas regiões hidrográficas (Alto Piranhas e Médio Piranhas). Disponível em: http://www.aesa.pb.gov.br/aesa-website/wp-content/uploads/2016/11/PE_02.pdf. Acesso em: 15 nov. 2018

Lugar sagrado que encerra corpos e muitos outros segredos. Dela podem emergir raivosamente os diabos, monstros, mas também reinos e tesouros encantados. (CIPRIANO, 2010, p. 103-104).



Figura 02- Fotografia de uma das primeiras turmas do primeiro grupo escolar do distrito de Várzea da Ema, em meados da década de 1950. Na ponta direita temos a professora França Geralda de Figueiredo e na ponta esquerda parte do edifício do grupo escolar.

Fonte: Acervo de Maria Auzenir Mota da Silva, novembro de 2018.

Essa descrição se aplica ao povoado de Várzea da Ema. Aos poucos o pequeno povoado foi se desenvolvendo, encantando e desencantando. Logo a necessidade de um grupo escolar se fez, pois ao que se tem notícia a primeira professora era Dona Leticia, que ensinava em sua casa no sítio. Logo após a construção do grupo escolar (aproximadamente na década de 1950), a professora França Geralda de Figueiredo foi destinada para ensinar no grupo escolar. Como podemos observar na fotografia acima, as turmas eram multisseriadas, composta por alunos de idade escolar diferentes em uma mesma série. Dona França, ensinou por aproximadamente 20 anos nesse grupo escolar, reconhecida e lembrada por muitos até os dias de hoje como uma excelente educadora,

além de estar à frente de questões ligadas à comunidade. Após sua aposentadoria, nos idos de 1970, Dona França muda-se para o estado de São Paulo juntamente com seus filhos e o grupo escolar fica sem uma professora, ou melhor, contava com Dona Marica, mas essa ensinava no turno noite para aqueles que podiam custear, visto que com a saída de Dona França, não houve a preocupação dos órgãos competentes na época para sua substituição.

Por muito tempo (aproximadamente 5 anos), o grupo escolar ficou abandonado pelas autoridades responsáveis, só muito tempo depois que o Governo do Estado (Ivan Bichara Sobreira 1975-1979)¹⁰, ao que se tem notícia, decide mudar o grupo escolar de local, fazendo-se assim em uma nova sede próximo ao que já existia e o antigo foi derrubado.

A escola tinha só uma classe bem grande, aí do outro lado era a casa de Dona França. Ela morava lá na escola, era a casa da escola. Aí Dona França ficou morando lá um horror de tempo, os filhos dela nasceu tudo lá. No meio entre a casa dela e a sala tinha um pátio bem grande, era tão bom pra gente brincar, jogar chibiu¹¹. Como ela era professora do estado aí o governo colocou ela pra cá ou foi o prefeito de Antenor Navarro, porque aqui pertencia a Antenor que hoje é São João do Rio do Peixe só depois que passou pra Santa Helena. (SILVA, 2018).

No que diz respeito a então cidade de São João do Rio do Peixe, essa obteve esse nome de batismo, com o qual a localidade, sob as bênçãos de São João Batista, se manteve desde os tempos em que foi fazenda, povoado, distrito e vila, perdurou até o início da terceira década do século XX, quando, por força do Decreto Municipal n°. 50, de 26/05/1932, confirmado pelo Decreto Estadual n° 284, de 03/06 do mesmo ano, foi mudado para Antenor Navarro. [...] Tal fato se deu em virtude do Sr. Natércio Maia, prefeito de então, entender de prestar uma homenagem à memória do Interventor Federal

¹⁰ Disponível em: <https://www2.pbagora.com.br/noticia/paraiba/20140616091430/paraiba-ja-teve-90-governadores-em-429-anos-de-fundacao>. Acesso em: 14 nov. 2018.

¹¹ Brincadeira com pedrinhas lisas, podendo ser brincado sozinho ou com outras crianças. Consiste em jogar as pedrinhas para cima e apara-las no dorso das mãos enquanto se canta cantigas de brincar, podendo também serem lançadas no chão e buscadas uma por uma juntando-se as demais que já forma “resgatadas”.

do Estado da Paraíba, Antenor Navarro, morto no dia 26/04/1932. [...] Felizmente, no dia cinco (5) de outubro de mil novecentos e oitenta e nove (1989), por ocasião da promulgação da nova Constituição do Estado da Paraíba, a povoação, depois de 57 anos, recuperou sua antiga e histórica denominação: São João do Rio do Peixe, graças a uma proposição apresentada pelo deputado estadual, por nosso município, Dr. José Aldemir Meireles de Almeida¹².

Segundo informações, o distrito de Várzea da Ema que ainda era um pequeno povoado pertencente à cidade de Antenor Navarro, passa a pertencer a Santa Helena. Para que essa última viesse a ganhar o adjetivo de município, ter seu desmembramento da cidade de Antenor Navarro, e conseqüentemente sua emancipação, teria que contar com mais habitantes.¹³ Esse fato fez com que o ainda povoado de Várzea da Ema fosse vinculado ao território Santa-Helenense.

Sabe por que aqui passou para ser de Santa Helena, porque mais ou menos em 1960 Daciano foi candidato a prefeito pela primeira vez ai aqui passou a ser de Santa Helena pra pudê aumentar o tanto de gente e Santa Helena ser cidade, e ela sendo cidade Daciano podia ser candidato a prefeito de lá. Foi assim... (SILVA, 2018).

Terra de muita fé, assim podemos caracterizar um pouco das pessoas que vivem na comunidade. Seus alicerces erguidos sobre a crença e esperança de dias melhores e na luta pela sobrevivência. Com essa fé que uma grande graça foi concedida ao grande fazendeiro da região, Sr. Valentim Gonçalves após quase ficar cego devido a um problema na visão, fez uma promessa a Santa Luzia (segundo a religião católico-cristã essa é a santa protetora dos olhos), que se alcançasse a graça da cura da visão mandaria

¹² Disponível em: <http://umolharsobresaojoao.blogspot.com>. Acesso em: 15 nov. 2018.

¹³ Distrito criado com a denominação de Santa Helena ex-povoado pela Lei Municipal nº 144, de 24 de junho de 1957, subordinado ao município de Antenor Navarro. Elevado à categoria de município com a denominação de Santa Helena, pela Lei Estadual nº 2016 de 12 de dezembro de 1961, desmembrado de Antenor Navarro. Sede no antigo distrito de Santa Helena. Constituído do distrito sede. Instalado em 29 de dezembro de 1961. Disponível em: <<http://santahelena.pb.gov.br/historia/>>. Acesso em: 15 nov.2018.

construir uma capela em sua homenagem, tendo a Graça alcançada, a promessa foi cumprida.



Figura 03- Fotografia da capela de Santa Luzia. Construída por Valentim Gonçalves como pagamento de uma promessa. Fotografia datada de 13 de novembro de 2004.

Fonte: Acervo da capela de Santa Luzia, Várzea da Ema, fevereiro de 2019.

Em torno do ano de 1951, Valentim Gonçalves doa um bom terreno na parte mais alta e central da localidade para que fosse construída a capela e a casa paroquial, essa seria bem localizada na comunidade que se formava.

Segundo as práticas da tradicional sociedade sertaneja, a religião Católica exerceu um papel importante na formação das cidades do interior. Assim, todo o rumo da cidade girava em torno da igreja e, conseqüentemente, da religião, firmando sua estrutura no centro e as casas ao redor do templo, como uma forma de proteção, respeito e submissão. (CEZÁRIO, 2014, p. 34).

Dessa forma, tínhamos a primeira e a principal rua praticamente formada, ao centro a capela de Santa Luzia ao lado esquerdo as primeiras casas (dos irmãos Veríssimo) e do lado direito às terras, à casa do morador de Valentim Gonçalves e o grupo escolar.

Valentim pede então para que Dona França reunisse seus alunos e pedisse que eles ajudassem a carregar as telhas para a cobertura do teto. Inicialmente era uma pequena capelinha, do lado direito um espaço aberto, apenas coberto e logo após ficava a casa paroquial. Anos mais tarde, foi construída a torre central e posteriormente a ampliação das duas laterais foram feitas.

Seu Valentim pediu pra Dona França pra pedir aos minino da escola pra carregar as telhas de cobrir a igreja... Pra ajudar, né! Tudo carregando telha, um monte de minino (risos). Ele doou tudo, as terras para fazer a capela e a casa paroquial e chamou os mestres pra fazer. (SILVA, 2018).

Pelo fato de Joaquim Veríssimo ser cunhado de Valentim Gonçalves, esse deixa o primeiro como encarregado da administração e organização das festas em homenagem a Santa Luzia, assim também como da capela. Dessa forma, se inicia naquela comunidade um culto em homenagem e honra a santa protetora dos olhos.

Quando o povoado ainda pertencia a Antenor Navarro necessitava-se que o padre também fosse destinado daquela cidade para a celebração das missas, casamentos e batizados. Quando se queria realizar algum sacramento da igreja, ia-se para Antenor avisar com antecedência, então o padre providenciava e organizava a burocracia necessária para a realização dos mesmos:

Padre Jacomi vinha de São João para celebrar aqui, por que aqui era município de lá. Era tão bom as festas. Muita gente, num sabe?! Padre Jacomi vinha de trem até a Serra da Arara, aí Joaquim Virisso mandava

ir buscar ele pra cá de cavalo, por que nessa época não tinha carro aqui. Padre Jacomi celebrava as missas em latim de costas pro povo. (SILVA, 2018).

Tradicionalmente o dia 13 de dezembro é um dia de muita festa para a comunidade, e agradecimento dos pagadores de promessas que vêm de diferentes localidades “pagar” suas promessas a Santa Luzia.

Na cultura e tradição religiosa da região e da localidade, tinha-se um costume muito comum de entregar as crianças pagãs aos Santos para que esses os apadrinhassem. Um casal assinava a procuração de batismo, e lá constava quem eram os santos padrinhos da criança. Ficavam sendo padrinhos o casal que assinou a procuração (pegar na procuração) e outra pessoa que pegava (literalmente falando) para apresentar, era a/o padrinho/madrinha de apresentar (geralmente era uma outra criança mais velha que já conseguia segurar o bebê, entrava pela nave central da igreja com o bebê nos braços e apresentava-o para todos os presentes) além dos Santos.

Uma vez quando padre Jacomi veio fazer o casamento de Chiquinha com um irmão de Bosquim, na volta Caboca chamou ele pra batizar Corrinha. Os padim foi papai (Nelso) que pegou na procuração, a madrinha era Ruzário também na procuração e eu (Alzenir) peguei pra apresentar. Os padim dela era Padim Ciço e Nossa Senhora, e papai e Ruzário que assinaram a procuração. (SILVA, 2018).

Muito comum no sertão, e em pequenas comunidades o ato de cavar cacimbão para pegar a água do consumo doméstico e em alguns casos para a irrigação do plantio. Anteriormente na comunidade, se tinha a necessidade de ir buscar água diretamente no próprio cacimbão. Muitos anos depois de formada, a comunidade foi criada a Associação São Vicente (nos idos da década de 1976) com o objetivo de haver o encanamento da água para as residências, facilitando a vida de todos.

De início se tinha um cacimbão pequeno no qual as pessoas buscavam a água do consumo doméstico. Josias de Oliveira, na qualidade de vereador do município em suas atividades na capital João Pessoa, organiza e elabora o chamado “projeto São Vicente”.

Ao retornar para a comunidade de Várzea da Ema com esse projeto já aprovado, reúne as pessoas na casa do Senhor Nelso para explicar como iria proceder além do fato de elencar algumas pessoas como os sócios do projeto, esses teriam como função ajudar na construção de um cacimbão maior e na organização da distribuição da água, em troca não pagariam uma pequena taxa pela distribuição desse bem natural.

O fato é que para que o projeto fosse colocado em prática seria necessário um terreno para a escavação do cacimbão e a construção da caixa d'água para a distribuição para as residências. Nelso doa então, um terreno ao lado de sua casa para a Associação. Assim foi feito, Josias chama os “mestres” para a escavação e construção do cacimbão maior na parte mais baixa do terreno, pois na parte mais alta estaria localizada a caixa d'água. “Antes do projeto, Nonatino tinha uma caixa d'água bem grande e o povo ia fazendo o encanamento pras casas. A gente pagava para ele. Só que depois que veio o projeto aí todo mundo saiu de Nonatino e ficou pagando a Associação”. (SILVA, 2018.)

A parte à frente da caixa d'água, seria construída uma sala de reuniões que seria feita com uma segunda verba do projeto, mas o mesmo não foi mais aprovado e estagnou apenas com um cacimbão e a caixa d'água até os dias atuais.

2.2 Vida, cotidiano e história de Dananinha.

Ana Saraiva de Freitas, mais conhecida como “Dananinha”, nascida no ano de 1901, no ainda município de Poço José de Moura – PB, posteriormente foi morar em Uiraúna. Sua família “os Saraiva”, estava distribuída na região de Uiraúna e Poço José de Moura, muito conhecida pelos arredores.

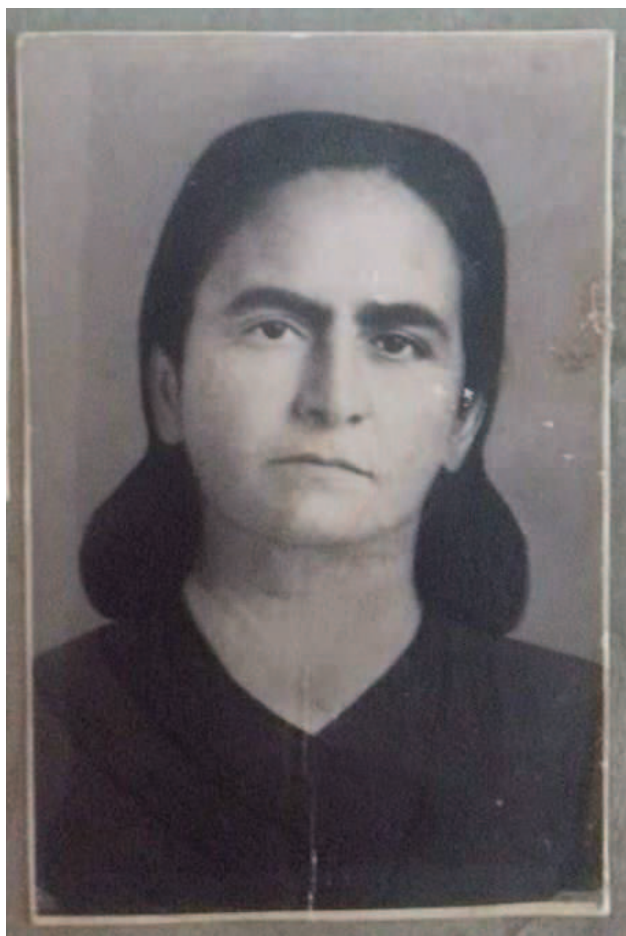


Figura 04- Fotografia de Ana Saraiva de Freitas (Dananinha). Tendo aproximadamente 45 anos de idade quando fotografada.

Fonte: Acervo de Maria Auzenir Mota da Silva, novembro de 2018.

Nessa região, o lugar mais próximo de se comprar alguns mantimentos, tais como tecido para fazer roupa, linha e bastidor para bordar, lamparina, alpargata, enfim, tudo o que se precisava era em Antenor Navarro, pois Cajazeiras era muito longe para ir a cavalo, visto que esse era o único meio de transporte para os que mais podiam, os demais esperavam que esses chegassem da cidade e compravam o que precisavam, muitas vezes pagavam com serviços. Tanto Dananinha como Sr. Tibertino iam para Antenor fazer suas compras. Mais especificamente Sr. Tibertino ia fazer negócio com os “ligume¹⁴” que plantava e a criação de boi com os donos das casas grandes de comércio.

¹⁴ Denominação dada para a plantação de alguns cereais como: arroz e milho, e leguminosas como o feijão e a fava. No geral, tudo que fosse comestível era chamado de “ligume”.

Padim conheceu madinha, porque madinha vinha do Uiraúna para Antenor e padim ia daqui para lá pra comprara uns mantimentos, ai lá se conheceram e se engraçaram (risos) como aqui não tinha bodega¹⁵ nem casa grande de comércio e o canto mais perto era Antenor, ai tinha que ir. Ai padim foi falar com a família de madinha e depois se casaram. (PESSOA, 2018).

Com apenas 13 anos de idade, casando-se com Tiburtino Veríssimo Dantas no ano de 1914, Dananinha veio assim morar no povoado de Várzea da Ema logo após o enlace matrimonial.

Os frutos do casamento vieram logo em seguida. Tendo como primeiro filho Manoel Veríssimo Dantas (Nelso); em seguida Maria Veríssimo Dantas (Mariquinha) Pedro Veríssimo Dantas (Pedim); e por último Profiria Veríssimo Dantas (Zinha).

Dananinha sempre foi tida como uma pessoa vaidosa, não deixava os cabelos embranquecerem, pedia para que suas netas os pintassem, gostava também de usar pó de arroz para alisar a pele. De bem com a vida, alegre e de coração grande, muito satisfeita com a vida que tinha, sempre pronta a ajudar a todos, é assim que todos a descrevem. “Ela era cheia das brincadeiras, das presepedas. Muito bom de ouvir ela contar as histórias, era engraçado.” (SILVA, 2018).

Tiburtino, marido de Dananinha, tinha sua renda voltada para a engorda de bovinos e suínos, além da plantação de cereais e legumes. Quem o ajudava nessa tarefa era seu filho mais novo Pedro, que pós a morte de seu pai assume a função. Manoel, seu filho mais velho trabalhava na confecção de sela e adereços em geral, que tinha por matéria prima o couro. Maria casou-se cedo e foi morar na cidade de Umari no estado do Ceará. Profiria, a caçula tinha algum tipo de deficiência física, viveu com os pais até a morte, o fato ocorreu quando esta ainda era bem jovem, em torno dos 20 anos de idade.

¹⁵ É um pequeno armazém, ou taberna. A palavra **bodega** tem origem no espanhol bodega, **que significa** um porão, loja ou depósito onde se vende vinho a retalho. **Budega** ou bodega (forma correta de escrever) é um pequeno armazém de secos e molhados. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/budega/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

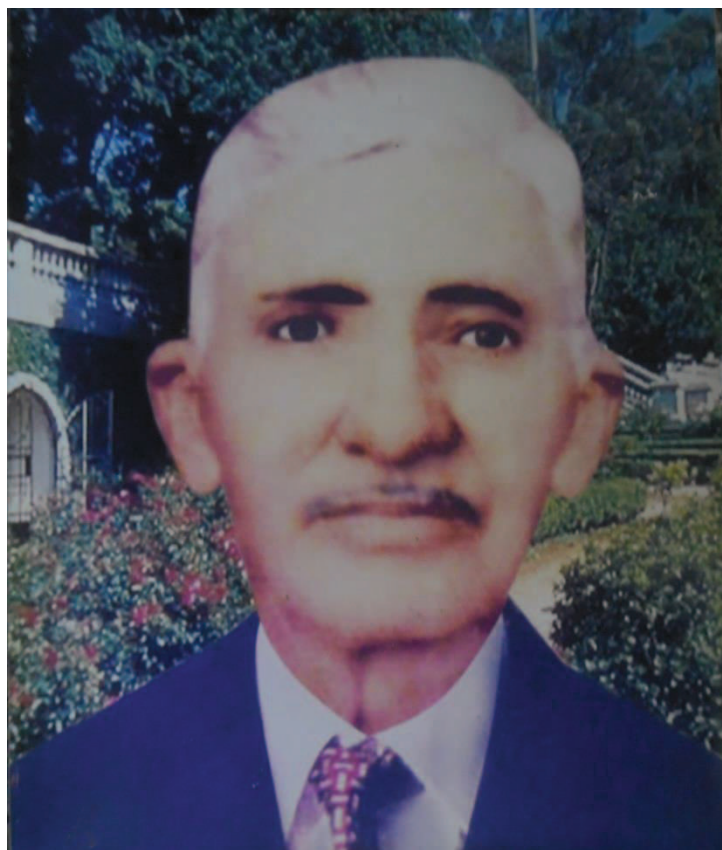


Figura 05- Fotografia de Tiburtino Veríssimo Dantas. Tendo aproximadamente 65 anos de idade quando fotografado.

Fonte: Acervo da família Veríssimo, novembro de 2018.

Segundo relato de familiares, boa parte de dia de Dananinha era dedicado às tarefas domésticas, fazer o almoço para sua família e os que trabalhavam com seu marido na plantação. Quando chegava a hora de comer todos se juntavam na grande mesa de madeira na cozinha para desfrutar da comida. Quem chegasse e pedisse para comer, era muito bem recebido e sentava-se para refeição.

Pós-refeição era muito comum Dananinha sentar para fumar seu cachimbo. Logo em seguida, estendia o cordão na parede próximo a seu quarto e começava a trançar a varanda de rede. Ela ia entrelaçando outros cordões e dando nós até formar desenhos, os mais comuns e mais pedidos eram as flores. As pessoas encomendavam essas varandas para adereçar as redes, fazia também com que as parecessem maior. Prendada, desde cedo

aprendeu a arte de entrelaçar os fios. Dananinha era muito conhecida por tecer as varandas das redes e fazer coxim¹⁶.

O povo encomendava a ela as varandas pra colocar nas redes, enfeitar. Aí ela fazia e vendia. Ela esticava o cordão na parede e ia dando os nós. Era cada flor bonita nas varandas. (DANTAS, 2018).

Já o coxim, era mais pedido pelos homens que andavam muito a cavalo, visto que este forrava e tornava mais confortável a sela. Esse método era composto por uma lona na base, sobreposta por um tecido desfiado. Esse desfiado fazia com que ficasse “fofinho” e a lona na base impedia que o coxim escorregasse da sela.

Como sua filha Profíria tinha deficiência física, essa passava boa parte do tempo sentada no chão próximo ao local onde Dananinha executava seu artesanato. Profíria era muito vaidosa e sua mãe deixava-a todo tempo muito bem arrumada. Cabelos longos, pretos e bem penteados, unhas pintadas de vermelho e usava suas joias em ouro que Dananinha sempre comprava a seu Constantino, que passava quase toda semana oferecendo ouro, Dananinha acabava comprando algumas peças para a filha e para si. Portanto, esse é o ponto de partida para as histórias verdadeiras ou não que especulam sobre botijas, pois em um universo de imaginação fértil, a situação exigia ter posses, ouro e etc.

Logo após fazer seu artesanato, Dananinha aprontava-se para sair um pouco ao entardecer. Arrumava-se, muitas vezes colocava seu pó de arroz e suas joias de ouro. Gostava muito de um conjunto de brincos e cordão que tinha uma cruz pendurada. Ia muito à casa de suas amigas Marica e Maria. Tinha também o costume de ir à casa de Sr. Josias de Oliveira que tinha uma bodega, para comprar açúcar. Muitas vezes, ela levava suas netas Maria Auzenir, Maria do Céu, e/ou Maria do Socorro para os seus passeios ao pôr do sol.

¹⁶ Almofada grande que serve de assento. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/coxim/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

Muito religiosos, Tibertino e Dananinha sempre iam às missas e procissões. Tinham devoção ao Sagrado Coração de Jesus, ao qual faziam anualmente as renovações (também conhecidas como novenas). Tinham a imagem bem na entrada da casa, como símbolo de proteção a todos que moravam lá, além do fato de que se sabia que Lampião respeitava a casa dos que eram crentes em Deus, pois o Sagrado Coração de Jesus era o principal símbolo dessa crença.

Temendo um possível ataque dos cangaceiros, as pessoas deixavam bem a vista sua crença em Deus. Isso não impedia os saques, mas fazia com que não houvesse violência no ato cometido pelos cangaceiros, pelo menos era no que se acreditava.

Ela também fazia a novena todo ano pro coração de Jesus. Colocava a mesinha com as velas e flor, o povo tudo vinha, ajuntava um monte de gente e de minino (risos). (SILVA, 2018).

Dananinha ajudava nas festividades da padroeira Santa Luzia que acontecia em dezembro. Saía nas redondezas pedindo contribuição para a capela. Além do fato de acolherem as pessoas que vinham de fora para as festividades. Era muito comum Sr. Tibertino matar porcos e galinhas para alimentar a todos, deixavam as portas abertas para aqueles que quisessem comer, beber, descansar. A casa enchia-se de muitas pessoas.

Ela deixava a casa aberta pra quem quisesse e ia pra missa mais padim e o povo ficava lá. Quem chegava que quisesse comer, comia. Se quisesse beber água, bebia. Ela era muito caridosa, não tinha besteira não! (SILVA, 2018).

Muito comum no interior as pessoas que tinham certa amizade ou grau de parentesco (sogros, padrinhos, cunhados e etc.) se cumprimentar chamando-se de “comadres ou compadres”. Irem visitar umas às outras, “prosear” um pouco. Assim como Dananinha ia até a casa de alguns conhecidos, esses também vinham até sua casa.

Ana Gonçalves mais conhecida como “Mãe Santa” era uma dessas boas visitas que iam até a casa de Dananinha, essas além da amizade tinham dois de seus filhos casados. (Perpetua e Caboca filhas de Mãe Santa, casadas com Nelso e Pedro, filhos de Dananinha). Mãe Santa ao vir para casa de Dananinha sempre trazia Lica (para quem supostamente foi doada a botija) que ainda era bem pequena, essa era filha de Janú e Abidias que moravam no Pé de Serra (sítio próximo ao povoado de Várzea da Ema) também muito amigos do casal Veríssimo. Dananinha gostava muito das duas, tinham uma boa amizade.

Dananinha viveu assim quase toda sua vida. Quinze anos antes do seu falecimento, aproximadamente no ano de 1975, seu marido Tibertino acaba falecendo por falta de ar, visto que esse tinha um problema sério de asma. Então, Dananinha e Pedro, ficaram tomando de conta das terras e do cultivo delas. Dananinha era muito forte no que diz respeito ao vigor físico, não tinha problemas relacionados à saúde. Segundo seus familiares, esta veio a falecer de causas naturais, ainda lúcida, apenas enfraquecida pela idade, aproximadamente no ano de 1990, aos 89 anos de idade.

Depois de sua morte não procuraram por suas joias por acharem que Dananinha havia se desfeito delas antes de falecer. Então, a casa ficou sendo utilizada para guardar o material de trabalho que Pedro, seu filho, utilizava nas plantações. As novenas do coração de Jesus continuaram a ser feitas anualmente, pelo mesmo.

Depois de muitos anos, mais especificamente no ano de 2010, não se sabe o dia nem o mês, Lica aparece vinda do Recife onde ela reside, com a missão de arrancar uma botija.

2.3 As assombrações do moderno: elementos que cortam esse universo de tradição

O trem, a luz elétrica, o rádio, a televisão, e a internet são caracterizados como elementos do moderno que atravessam esse universo místico. Desde antes da morte de Dananinha, essa já fazia uso de alguns desses elementos que, posteriormente com a evolução tecnológica, vão ser veículo de transmissão de sua história e de suas botijas.

Dananinha por trabalhar com artesanato tinha a necessidade de ir até Cajazeiras comprar suas matérias primas, visto que com a inauguração da rede ferroviária de Cajazeiras que aconteceu no ano de 1926, a distância entre Várzea da Ema e essa foi encurtada e se tornou mais rápida a viagem, tendo em vista que antes a única forma de se chegar até a cidade era de cavalo ou carroça.

Pois bem, quando Dananinha sentia a necessidade de abastecer-se de lona para o coxim e fios para as varandas, essa chamava uma de suas netas e iam a pé até a Serra da Arara onde o trem fazia uma parada, não era especificamente uma estação, pois as únicas estações eram nas cidades de Cajazeiras e Antenor Navarro, atual São João do Rio do Peixe. Nesse trajeto entre essas duas últimas cidades citadas, o trem fazia duas paradas para a busca de passageiros, eram estas na Serra da Arara e no Catolé, ambos atuais distritos de Cajazeiras.

Essa rede ferroviária pertencia a Rede Viação Cearense (R.V. C) e destinavam-se até o interior do sertão para a busca de mercadoria e de passageiros que se destinavam a grande urbe. Geralmente aos sábados e domingos que a grade movimentação de passageiros se fazia nas estações, foi inaugurada em 1926 e desativada 1971, teve tráfego provisório desde o ano de 1923 e os trens já vinham sendo suprimidos desde 1967. No ano de 2001 o IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba) tombou a estação pelo decreto Nº 22.082 de 2001. Atualmente serve de sede para o Núcleo de Extensão Cultural UFCG/ CFP/ NEC¹⁷.

Ao cortarem pequenas cidades quase que diariamente, esses trens faziam o transporte de pessoas que precisavam chegar até cidades de pequeno porte, como Cajazeiras, em que essas pessoas se destinavam muitas vezes a comprar artigos de corte e costura, artesanato ou mantimentos. Não se tinha costume, por exemplo, de ir à cidade apenas para passeio, este acontecia por acaso no ato das compras. Podemos destacar aqui que, eram poucas as pessoas que saíam de Várzea da Ema para ir até Cajazeiras de trem. Isso só acontecia com os que tinham certo recuso, os demais ou iam de veículo de tração animal ou esperavam que os de maior recurso trouxessem suas encomendas.

¹⁷ Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ce_crato/cajazeiras.htm>. Acesso em: 20 nov. 2018.

O fato de o trem ter horas bem específicas de ida e volta, e por serem horários longos entre um período e outro, tinha-se a necessidade de ficar na casa de alguém para uma parada para o almoço e descanso, visto que, na cidade ainda não existiam locais muito acessíveis para a alimentação.

Ali onde hoje é o banco do nordeste era a casa de Dona Aurília, muito amiga de madinha, ai a estação ficava ali perto. Nois ia pra casa dela almoçar. O trem passava ali bem pertinho. Esse trem que vinha pra cá saia de João Pessoa ou Recife ou Fortaleza, e a última parada era em Cajazeiras. Esse trem fazia a rota de dia até Cajazeira e depois voltava de noite. Eu já fui pra São João do Rio do Peixe... era umas sete horas da noite com madinha na casa de Bia, que era muito amiga de madinha... Isso foi mais ou menos no ano de 1936 (SILVA, 2018).

Para chegar até a estação, era necessário sair bem cedo de casa, em torno das cinco da manhã, pois se caminhava cerca de cinco quilômetros até a Serra da Arara, onde o trem fazia sua primeira parada. O trem fazia essa primeira parada pontualmente às sete horas na Serra da Arara e retornava de Cajazeiras às três horas da tarde, e era necessário fazer o mesmo trajeto de cinco quilômetros até Várzea da Ema, muitas vezes sob um sol escaldante.

A subida na estação era sempre bem animada, segundo relata uma das netas de Dananinha. “O povo ficava vendendo as coisas dentro do trem quando parava na estação. Vendia tanta da coisa, era amendoim, rolete de cana, uns biscoitim de goma, rosário de coco, macaúba... Comi muita macaúba mais madinha (risos)... era bom aquele tempo.” (SILVA, 2018).

Mais tarde no ano de 1965, os primeiros rádios começam a fazer parte da vida de alguns dos moradores de Várzea da Ema, apenas os que tinham recursos possuíam os primeiros aparelhos que eram movidos a pilhas recarregáveis. As telenovelas eram o grande sucesso. Muitas pessoas se juntavam nas poucas casas que tinham os aparelhos para escutar atentamente as transmissões. Nesse público dos que tinham rádio em casa, estavam Nelso e Pedro, dois dos filhos de Dananinha.

Esses eram considerados pessoas ricas para a época, visto que o rádio era um artigo de luxo, mesmo tendo chegado com grande atraso até o lugarejo, pois os primeiros rádios surgem no Brasil ainda na década de 20. Na era de 60 já se difundia nas grandes cidades, as televisões.

Anos mais tarde eis que chega a maior de todas as novidades que poderia arrebatara atenção dos “emenses”, a energia elétrica. Essa energia chega até o distrito através do projeto COPERAR em torno do ano de 1976. Um dos maiores benefícios que poderiam ajudar o lugarejo, visto que logo após sua chegada pode-se fazer a encanação da água do cacimbão até as casas que, só poderia ser “puxada” com motor elétrico. Logo em seguida, surge o projeto São Vicente, já falado anteriormente.

Logo depois, chega até a comunidade a televisão, inicialmente estava presente apenas na praça central, sim, era uma televisão comunitária. A própria arquitetura da praça foi pensada para que os bancos acomodassem aos espectadores da comunidade. Anos depois, alguns moradores foram adquirindo seus aparelhos ainda em imagens preto e branco.

Muitos anos se passaram desde a morte de Dananinha até as grandes novidades tecnológicas que chegaram até o então distrito, dentre eles podemos citar o telefone celular, a internet e com essa as redes sociais.

Poderíamos nesse momento nos questionar sobre: Como em uma era tão moderna, com tanta tecnologia ainda sim existam histórias de botijas, que eram mais comuns e frequentes de se ouvir nos “tempos de antigamente”?

Pois bem, como já mencionado no capítulo anterior, Várzea da Ema pode ser considerada um lugar onde ainda se cultua algumas tradições antigas, como as conversas no anoitecer, as novenas, algumas brincadeiras, e misturado a isso estão as histórias de botijas, reafirmadas com o seu suposto desenterrar.

Logo após o rebuliço sobre o desenterrar das botijas, as redes sociais foram o grande veículo de transmissão dessa história entre os “emenses”, os parentes e conhecidos de Dananinha, chegando até aos que moravam em outros países. Fotos foram publicadas, conversas compartilhadas e essa história se fez presente por um bom tempo na memória dos moradores do distrito.

Dessa forma, podemos notar como muitas das tecnologias que foram tomadas com espanto, vista pelos mais antigos como uma verdadeira assombração, corta esse universo de tradição “dos tempos antigos”, como é o caso das histórias de botija, e faz essa história “de antigamente” ser revivida e recontada de uma forma mais rápida e chegando até os recantos mais longínquos através das redes sociais.

Levando em consideração esses aspectos mencionados, somos levados a acreditar que Várzea da Ema é um lugar imerso em tradições, crenças, algumas que nos dias atuais ainda tem um caráter fervoroso e outras nem tanto. Mesmo estando no século XXI em plena era tecnológica, é possível notar as pessoas arraigadas a determinados costumes e também a uma fé e devoção. Assim como Dananinha que também é vista pelos seus como uma pessoa que tinha muita fé e que dedicou sua vida a família, a acolher os que precisavam e também a serviços religiosos, em especial a tradicional festa de Santa Luzia, podemos entender essa como uma grande artesã, vaidosa, bondosa, e de bem com a vida.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIAS DAS BOTIJAS DE DANANINHA: UNIVERSO DE TRADIÇÕES E CRENÇAS PRESENTE NA ATUALIDADE E COTIDIANO DE VÁRZEA DA EMA

Nesse capítulo temos a intenção de contar mais detalhadamente, a partir de nossa pesquisa, cuja base documental foi constituída especialmente por entrevistas realizadas com moradores do distrito de Várzea da Ema-PB, as histórias das botijas de Dananinha, apresentando seu lugar no campo das tradições culturais de crenças na região do distrito de Várzea da Ema, assim como dialogando com a historiografia da temática.

Como vinha-se dizendo ao longo desse trabalho, as histórias de botijas estão mergulhadas em um universo de crenças e tradições muito amplo. Como fenômenos da cultura são perpassadas pela oralidade e se apresentam com uma carga narrativa realçada por alguns aspectos ou temas, tais como: “malassombro”, histórias de trancoso, histórias de cangaço, riqueza, histórias e rituais diversos de encantamento no campo das crenças.

Nesse universo temático das botijas, podemos destacar como ponto importante que demarca o lugar dessas narrativas como sendo a ligação com a religião católica. O conhecimento de uma botija, ou seu anúncio às pessoas, se dá a partir de uma ligação do mundo invisível com o visível. Tendo como personagem principal uma alma que doa o tesouro, e do merecedor¹⁸ que aceita desenterrar o tesouro, e assim fazendo contribuir para a salvação da alma doadora que está no purgatório. Estamos, pois em um campo de representações do trânsito entre terra e além que pode ser um além celestial no qual é muito comumente a associação do céu como o belo, “destino daqueles bem-aventurados, dos tementes a Deus [...]. Da mesma forma, o inferno dos desventurados, dos pecadores, cujos componentes estimulam o terror e se contrapõe à beleza e a candura do céu” (SOUSA, 2011, p. 190).

Assim como o purgatório que se torna o lugar de “espera” para as almas que estão purgando seus pecados cometidos em vida terrena, essa espera se faz necessária para a purificação total da alma e só assim alcançar a salvação e “entrar” no céu. Sendo assim,

¹⁸ Usado comumente pela literatura que trata sobre a temática que envolve botijas. De agora em diante quando a nomenclatura for citada nos referimos a pessoa que é agraciada pelo recebimento da botija.

essas representações são ligações de um imaginário religioso no qual o alvo é a batalha contra o pecado (SOUSA, 2011).

No que diz respeito ao tema específico, a igreja católica não tem um pronunciamento oficial e específico sobre o que seja a botija, todavia, há no catolicismo dominante uma rejeição que vem desde os primórdios da colonização no que diz respeito as práticas e rituais de crenças não oficiais. Nesse sentido, entendemos que extra o ambiente oficial a crença que liga essa relação entre céu e terra a respeito de aparições de “almas”, respectivas comunicações entre “alma” e ser vivente, e sobre o “aprisionamento” da alma no purgatório em virtude de se ter um bem material valioso enterrado. Todavia, é importante discutirmos como a historiografia apoderou-se desse universo de discussão que introduz a temática acerca das botijas.

3.1. Na historiografia das botijas elas remetem a um tempo passado

Recente como objeto de estudo dos historiadores, as botijas precisam ainda de muitas pesquisas. Na historiografia da Paraíba, se destaca pelo pioneirismo de abordagem o trabalho de Socorro Cipriano (2010) *Histórias de Botijas e os labirintos assombrosos na Paraíba*; para quem a botija pode ser definida como: “tesouro enterrado, revelado através de sonhos pelos mortos” (p. 127). Para uma quase totalidade da historiografia que se remete a essa temática, essa definição feita acima, é a melhor forma para explicar o que seria uma botija. Essa podendo ser enterrada pelos ricos avarentos da cultura do açúcar e do algodão; pelos holandeses; jesuítas ou cangaceiros que usurpavam dos ricos em seus ataques as cidades do nordeste, ou por pessoas comuns que temiam que suas pequenas fortunas fossem saqueadas por esses mesmos cangaceiros e/ou outros saqueadores que em épocas de grandes secas eram bem comuns pela região em busca da sobrevivência (CIPRIANO, 2010).

“A botija como um tesouro guardado por almas de outro mundo, um tesouro encantado. História, portanto, inscrita no universo do assombroso, do encantamento [...] que premia o merecedor e que não cessa de produzir sentidos na história do presente.” (CIPRIANO, 2010. p. 127). Segundo a crença popular “emense”, o ouro (joias, talheres, moedas e etc.) era guardado em potes de barro ou caixas de madeira, enterrado em pisos

falsos, paredes e/ou embaixo de árvores de vida longa e de grande porte, que seria facilmente localizada. Após a morte de seu dono, ou em virtude de esquecimento de sua localização, acabavam por se tornarem “tesouros encantados”. Depois de um tempo, a alma de seu dono por estar em expiação dos seus pecados no purgatório, viria até um merecedor, pessoa de bom coração, sem ambição e também corajoso, para que esse desenterrasse o “tesouro encantado” seguindo fielmente o ritual de “desenterramento”, assim, desencantando o tesouro, bem como também a melhoria de vida desse merecedor, e por consequência levando a alma do purgatório à salvação.

Em nosso estudo a questão passou a ser como entender a reposição dessa temática nos tempos atuais, tempos modernos de notórios avanços tecnológicos e científicos e não tempos de antigamente. Sobre as chamadas “botijas de Dananinha” as principais informações que saltam a vista na região do distrito de Várzea da Ema é que foram escondidas por sua dona, em virtude do ataque que a região sofreu no ano de 1927 do bando de Lampião quando se dirigiam à cidade de Mossoró, no vizinho estado do Rio Grande do Norte, cuja rota passava pela região do distrito de Várzea da Ema. Quando da nossa pesquisa com os moradores dessa localidade, podemos ver que, essa é uma das hipóteses apresentadas pelos próprios familiares da mesma, quando se referem ao fato de que ela pode ter por esse motivo escondido suas joias em ouro. Essa situação de posse, como vemos, é o primeiro passo para que o tesouro escondido venha a se tornar uma botija. Sobre essa questão, a senhora Maria do Céu Dantas (2018) neta de Dananinha, quando indagada sobre as joias de sua avó nos conta que:

Não sei se era muito, mas devia tá muito bem escondido. Acho que ela escondeu com medo de Lampião, por que quando ela foi ficando mais velha e depois que ela morreu ninguém achou as coisas dela. Eu pensei que ela tinha era vendido¹⁹ (DANTAS, 2018).

Pós o ato de esconder o ouro, nos conta a senhora Maria do Céu Dantas (2018) que: “cada ano enterrado o ouro desce um palmo”. Dessa forma, após enterrar o ouro não

¹⁹ Tentamos transcrever o mais fielmente possível as falas de nossos entrevistados. Desconsiderando a norma culta e a ortografia oficial.

seria fácil achá-lo novamente, visto que esse se encantaria “[...] e só apareça depois que a pessoa que o enterrou falecer. Dessa forma o tesouro ressurgirá em forma de botija.” (CEZÁRIO, 2014, p. 43)

Como podemos observar nas palavras de nossa entrevistada, ao passo que o tesouro escondido já se encantou após a morte de seu dono, esse passando agora a ter o caráter oficial de botija e a alma de seu dono estaria a penar no purgatório por sua avareza²⁰ em terra.

Uma outra questão sobre como é o da doação, que consiste em a alma que está no purgatório vir a um merecedor através de sonho ou de aparição para dar-lhe a botija, indicando assim sua localização exata como também a forma de desencantar o tesouro enterrado. Assim, “o fenômeno de ver ‘almas’ estaria ligado ao fato de que aquelas pessoas supostamente avarentas, estariam padecendo no purgatório por motivos de ganância, [...] e que o merecedor tinha como missão, para merecer a fortuna, libertá-lo daqueles grilhões” (CEZÁRIO, 2014, p. 44).

Segundo os depoentes moradores do distrito de Várzea da Ema e crentes nas histórias de botijas, a alma apareceria três sextas feiras seguidas para seu merecedor. Este ao requerer a alma aceitaria ou não desenterrar o tesouro, pois para isso seria necessário ter coragem e não ser ambicioso. O requerimento também servia para identificar se a alma vinha do purgatório ou do inferno, pois ao responder essa demonstra que é temente a Deus. Sobre essa prática a senhora Maria do Céu Dantas nos conta que:

O povo dizia que depois de três dias de sonho a alma vinha pra dá a botija, era três sextas-feiras seguidas, aí a alma vinha pra uma pessoa que tivesse coragem e não tivesse ambição, porque se não o ouro virava carvão.

E continua

²⁰ O termo avarento também aparece na literatura como “misque”, esta sendo uma variação de mesquinho. Para uma descrição do avarento como aquela pessoa que possui apego exagerado à fortuna e que se nega a fazer caridade; (CIPRIANOS, 2010, p. 180).

Depois de três sextas-feiras, a alma aparece pra pessoa iai a gente require a ela, diz assim: “quem pode mais que Deus? ” ai a alma responde assim: “ninguém”. Ai a alma vem e dá a botija a pessoa, pra quem tem coragem de arrancar e quem não tem corre com medo (risos). (DANTAS, 2018).

Como nos contam nossos depoentes, ao aceitar fazer o desenterramento da botija, o mercedor não pode contar para mais ninguém de seu sonho a não ser que a alma tenha doado para duas pessoas. Caso o mercedor conte seu sonho a alguém “não autorizado” pela alma, o tesouro se encanta e não será encontrado no local indicado, mesmo que o mercedor cumpra os demais passos do desencantamento.

Assim, considerada como “tesouro encantado”, a botija é tida como ponto de ligação entre o mundo crível e do incrível. Sendo assim, essa passa por um ritual de “desencantamento”, esse se segue de algumas maneiras dependendo de como a alma dê as devidas instruções. “Desencantar a botija também significa um ato de esperteza. Mais que isso, significa rir da ordem, na medida em que se inverte o jogo social pela surpresa, pelo desvendamento de um mistério”. (CIPRIANO, 2010, p. 190). Esse ritual pode caracterizar-se em que, o doador, inteira o mercedor sobre uma determinada data; horário do dia ou da noite, levar um objeto de oração/proteção (bíblia, terço, medalhas de santos, crucifixos) levar uma vela, uma criança ou falar alguns dizeres em que o doador o tenha instruído em sonho ou aparição.



Figura 06- Arrancando Botija, Xilogravura de José Francisco Borges. Ritual de desenterramento de uma botija.

Fonte: <<https://indigoarts.com/arrancando-botija>>

Acesso em: 22 jan. 2019.

Assim como na xilogravura do cordelista Borges (2003), aqueles que aceitam cumprir o ritual de desencantamento de uma botija tem que ter ciência de que, na maioria das vezes, coisas horrendas, bichos peçonhentos, “malassombros”, “coisas de outro mundo” e principalmente o que o merecedor mais teme, aparecerá para atormentar e assim desencorajar esse. Para afastar esses seres, é necessário que o merecedor esteja em posse de algum objeto de oração/proteção ou pronunciar alguns dizeres, alguma recomendação que a alma expresse em sonho ou aparição.

O tesouro de forma nenhuma pode ser ambicionado. “A ambição por parte de um dos merecedores da botija pode comprometê-la e, conseqüentemente, comprometer a alma do dono da mesma, pois pode ficar preso no purgatório até o julgamento final”. (CEZÁRIO, 2014. p. 56).

Esse processo ou a descoberta da botija foi interpretado como ritual de “achamento” por Câmara Cascudo. Em seu *Dicionário do folclore brasileiro* ele acrescenta outro preceito que vem posteriormente ao desenterrar do tesouro encantado: Deve-se deixar uma moeda no local, não se pode levar tudo.

O tesouro é encontrado unicamente por quem o recebeu em sonho. Mesmo que em todas as indicações, o outro companheiro não o verá. Se faltar alguma disposição erro no processo de extrativo, o tesouro transformar-se-á em carvão. Todos os sinais desaparecerão, se o silêncio for interrompido, mesmo que um grito inopinado ou por uma oração. A primeira moeda encontrada é a que deve ficar no lugar do tesouro. (CASCUDO, 1998, p. 181).

Sobre o fato de “não se pode levar tudo” ou a iniciativa de deixar um pequeno valor ou parte da botija no local onde estava nos afirma o Sr. Antônio Saturnino de Souza:

O povo que arranca botija deixa o buraco aberto, porque tem de deixar pro povo ver que foi arrancada uma botija, só não sei dizer o porquê, mas tem de deixar e uma moeda também. Não pode levar tudo não. (SOUZA, 2018).

Como nos conta esses narradores, além de coragem a pessoa merecedora ou agraciada com uma botija precisa estar atenta aos sinais dado pelo doador, sejam eles através de sonho ou por aparição (contato com a alma). Quando analisando essa questão Cipriano também esclarece que: “Para decifrar tais sinais, faz-se necessário que o escolhido esteja atento em relação a todo o ritual para ser agraciado com a fortuna encantada e principalmente conseguir localizar corretamente o local indicado”. (CIPRIANO, 2010, p. 168). Ao não conseguir entender os sinais dado pelo doador para se chegar ao local exato, implica no seu não achar e conseqüentemente a botija pode se perder no tempo transformando-se assim em carvão, besouros ou areia.

Para tanto, se o merecedor entender todos os sinais, chegar ao local exato e cumprir todo o ritual de desenterramento, ainda sim é necessário seguir um último passo para desencantamento do tesouro encantado. Após seu desenterrar, faz-se necessário que o merecedor se mude do local onde mora ou mude a porta da casa de lugar, caso contrário, algo de ruim ou até a morte pode acontecer com um dos que residem na casa.

Poderíamos nos perguntar caro leitor: como alguém adentra a casa ou as terras de outrem com a pretensão de arrancar uma botija e é autorizado a escavar o chão ou as paredes? Pois bem, para uma sociedade arraigada a crenças de “ontem” o simples fato de falar que foi agraciado em ser o merecedor de uma botija e autorizado através de sonho ou de uma aparição da alma doadora, faz com que esse ganhe legitimidade para cumprir tal feito. Como diz Cipriano: “Pois quem pode condenar um escolhido pela alma penada?” (CIPRIANO, 2010, p. 191). Para a sociedade “emense” “não se brinca e nem se inventa essas coisas. Mexer com alma é coisa séria”. (DANTAS, 2018). Assim, nesse universo de crenças em coisas misteriosas, em encantamentos:

“O encantamento é mistério, é segredo, mas segredo que quer libertar “a verdade”; [...] Pois o mundo encantado é um mundo que precisa ser decifrado, interpretado. Isso é possível quando os seus signos se tornam sensíveis ao sonhador da botija”. (CIPRIANO, 2010, p. 167).

Ou seja, há na sociedade uma predisposição para crenças sobre a relação entre coisas da terra e coisas do além. Sobre essa propensão a crenças de “ontem”, vejamos a seguir.

3.1.2. Coisas de memória... da tradição cultural de ontem

Além das histórias de botijas, a cultura do distrito de Várzea da Ema remete a um universo amplo de “tradições do ontem” que se mantem vivas nos tempos de hoje. Vão ganhando ressignificações nas novas gerações, mas que tem como base os mesmos significados e crenças.

As fogueiras de São João são um grande exemplo disso. Comumente, na noite anterior ao dia 24 de junho, ascende-se enormes fogueiras em homenagem a São João.

Essas fogueiras têm como princípio o agradecimento ao Santo pela boa colheita do milho, das chuvas e também pelo fato de que se acredita que as casas que não fazem as fogueiras, espíritos do mal passam a noite envolta da casa e isso não atrairia coisas boas.

Da mesma maneira, é feita a fogueira em homenagem a São Pedro na noite anterior ao dia 29 de junho. Acredita-se que este santo abrirá as portas do céu quando as almas deixarem o plano terrestre e forem para a salvação eterna, visto que o mesmo é tido como guardião das chaves do céu.

Reza a lenda popular, que quando as chuvas demoravam a chegar, roubar o Menino Jesus de uma pessoa muito religiosa fazia com que Deus mandasse chuva. E assim, os moradores do distrito se valiam muitas vezes em que a chuva demorava a cair no sertão ou quando vinham muito escassas. Os adultos que se valiam para tudo o que pudessem, mas geralmente eram as crianças que cometiam tal ato. E quando as chuvas voltavam a cair em abundância, o santo era devolvido ao seu dono em uma bela procissão com louvores, velas e muita gratidão pelas chuvas.

O fato de as crianças ouvirem os clamores de seus pais ou parentes sobre a perda das lavouras ou a morte dos animais, faziam com que essas, em um ato de puro desespero se valessem do que estava ao seu alcance, mesmo que para muitos esse não passasse de um ato de pura “traquinagem”. Fato é que a fé ou a vontade de ajudar os pais levavam essas crianças a roubarem o Menino Jesus, algumas vezes os pais tinham ciência do feito.

Quando o dono do santo notava a falta do mesmo e tendo uma noção de quem tinha feito o furto, ia até a casa de quem tinha roubado o santo para pedi-lo de volta. Muitas vezes a situação era negada, pois esperavam a chuva cair para devolver. Outras vezes por medo, respeito ou vergonha, devolviam o santo antes de o pedido ser realizado.

Eu roubei o santo lá da casa de Zumira, pense num aperreio pra pegar esse santo (risos). Mas deu certo, no outro dia choveu, e foi muito. Um aguaceiro danado. Ai depois de uns dias eu devolvi. Acendi umas velas e fumo rezando pra devolver o Menino Deus (OLIVEIRA, 2018).

Outro costume é guardar ramos bentos para as três noites de trevas. No dia em que a igreja católica celebra o domingo de ramos, um domingo antes da páscoa, simbolizando a entrada de Jesus em Jerusalém.

Em grande maioria, as pessoas do distrito de Várzea da Ema e da região têm o hábito de levar ramos de carnaúba ou folhas que se pode fazer chá para serem bentas. Alguns desses ramos são colocados atrás da porta para protegerem a casa, outros são guardados junto com velas e fósforos bentos, para as possíveis três noites de trevas, em que a crendice popular acredita que durante esse período de plena escuridão, apenas as velas bentas se manterão acesas e os ramos ao serem queimados afastarão o mal. As folhas que se pode fazer chá são usadas como remédio, a exemplo temos: as folhas de hortelã no combate as dores de cabeça, e doenças respiratórias; malva, capim santo, erva cidreira, folha de laranjeira, dentre outras.

Junto a esses costumes, temos como personagens importantes as benzedeiiras/rezadeiras. Pessoas que pela fé, acreditam curarem o mal olhado e doenças afins. Aplica-se sobre quem precisa da cura gestos com um ramo de alguma planta ou um terço, ao mesmo tempo em que se faz uma prece. Mas a cura só é obtida se a pessoa que procura ajuda tiver fé, caso seja uma criança que esteja com mal olhado, o adulto que tem de pedir a intercessão para essa. Mesmo as gerações mais novas ainda se remetem a levar seus filhos para benzer quando esses aparentam estarem com quebrante (moleza no corpo, vômito, má alimentação, fezes esverdeadas), sintomas que surgem de repente após alguém se admirar da criança ou do adulto. Segundo os mesmos, logo após rezar, a pessoa já aparenta rápida melhora, pois a força do quebrante está sendo desfeita. Mesmo assim, ainda se continua a rezar em três sextas-feiras seguidas para que o quebrante se desfça por completo.

Os mais antigos ainda se remetem com certo temor ao tempo da besta fera que parece estar presente. Alguns de nossos rememoradores se recordam de passagens e falas de Frei Damião ao se posicionar sobre esses tempos sombrios, em que a “roda grande ia girar dentro da pequena” e o “cavalo do cão de duas rodas” ia destruir as vidas. Segundo esses, a “roda grande girar dentro da pequena” simboliza o não reconhecimento e respeito que os filhos deveriam ter aos pais, dessa forma, os filhos é que estariam no lugar dos pais. E quando se fala em “cavalo do cão” de duas rodas se remetem a motocicleta, e o seu grande perigo que representa quando está sendo pilotado por pessoas negligentes.

Muitos eram as crenças de que o fim do mundo estaria próximo e que sinais seriam dados para indicar a proximidade dos fins dos tempos. Muito se falou entre os moradores do distrito de Várzea da Ema sobre os balões coloridos que surgiram no céu. Era o bastante para sinalizar que o fim do mundo havia chegado e com isso o medo assolou o lugarejo por um bom tempo. Segundo Ademar Vidal, (1950, p. 579-580) “os balões coloridos “com cores do arco íris” são situados no sertão e quando caíam era para sinalizar lugares onde havia dinheiro enterrado ou onde se ocultavam ‘minas de ouro em pó’” (apud CIPRIANO, 2010, p. 110).

Foi mais ou menos na década de 80 quando saiu essas bolas colorida no céu, era azul, amarelo e verde. Eles iam saindo no nascente aí estourava e depois vinha o outro. O povo tudo assombrado pensando que era o fim do mundo. Também só foi essa vez que apareceu (OLIVEIRA, 2018).

O cantar dos galos fora de hora, ou seja, depois das 18h00 significa um mau sinal. Até os dias de hoje, esse “cantar fora de hora” significa um sinal de morte ou de uma tragédia. Por se tratar de uma comunidade pequena, as notícias se espalham com facilidade. Geralmente poucos dias após o cantar do galo “fora de hora” se sucede a morte de alguém ou alguma tragédia. O galo, tido como anunciador do mau pressagio pela crença popular ou um anunciador de um reino encantado pela literatura, não só no Estado da Paraíba como em muitos outros Estados do Nordeste.

3.1.3. Várzea da Ema: um terreno fértil de crenças em botijas?

Arelado a todas as crenças aqui abordadas, nós temos as histórias de botijas. Desde as mais antigas gerações até as mais recentes, a crença em botijas se faz presente. Nos “tempos antigos” essas histórias tinham mais fluxo, pois esses supostos acontecimentos eram recorrentes, segundo os moradores da comunidade. Tratava-se de um tempo em que se cria que almas existiam, que essas podiam se comunicar de várias

formas, dentre elas em sonho ou pessoalmente para anunciar uma botija, mas isso não acabou, algumas pessoas ainda creem em almas, céu, inferno, purgatório e etc.

Dava suporte a essas crenças sobre a existência de botijas, o fato de ser muito comum enterrar ouro em tempos passados, visto que não tinham bancos ou locais apropriados para os que possuíam bens pudessem guardar suas fortunas, ou ainda como já dissemos, para despistar ou impedir que riquezas fossem apropriadas por homens como os temidos cangaceiros que circulavam com frequência pela região. Eram pequenas fortunas que como as de Dananinha e de seu marido, Tiburtino, se faziam muitas vezes através da venda de animais ou após as grandes colheitas, visto que, a família era uma grande produtora, na época, de grãos alimentícios (arroz, milho, feijão) do “ouro branco”, o algodão, e de muitas cabeças de gado, suínos e aves.

Nesse tempo, as pessoas compravam peças em ouro equivalentes as suas rendas que as vezes eram fortunas, acreditando-se assim que, o ouro por ser um metal supervalorizado, não perderia a validade mesmo depois de muitos anos, coisa que acontecia facilmente com as cédulas de moeda corrente no Brasil.

Como já pontuamos acima, a inexistência ou a insegurança em guardar dinheiro em bancos era outro fator que contribuía para que os que vivenciavam esses tempos acreditassem que isso levava muitos abastados a enterrarem suas fortunas dentro da própria casa ou debaixo de árvores específicas, que seriam facilmente reconhecidas dentro da vegetação. Para compreendermos esses tempos, destacamos o fato de que no que corresponde às agências bancárias no Brasil, se tem datado que a primeira agência o Banco do Brasil, se fez presente no ano de 1808. “Nesse ano, D. João VI baixou um Ato Real criando o primeiro Banco do Brasil (BB)”²¹, que se localizava na cidade do Rio de Janeiro.

No que diz respeito a chegada dessa instituição na região, temos que a agência bancária mais próxima ao ainda povoado de Várzea da Ema era a agência do Banco do

²¹ Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/htms/public/BancosEstaduais/livros_bancos_oficiais.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Brasil da cidade de Cajazeiras, criada em 1º de junho de 1938, sendo a terceira a ser instalada na Paraíba e a 99ª no Brasil²².

Quando da anúncio da primeira suposta aparição da botija de Dananinha, ainda estava bem presente no imaginário social sertanejo e paraibano, em tempo anterior à instalação do primeiro banco na cidade de Cajazeiras-PB, a lembrança do grande alvoroço causado nessa região com a passagem do bando de Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como “Lampião”, um homem que chefiava um bando de outros homens que desafiava a ordem e o medo da morte em busca da sobrevivência. Ainda hoje muito presente no imaginário do nordestino.

De todos os movimentos e revoltas sociais ocorridas aqui no Brasil no início da Primeira República, um dos mais marcantes no Nordeste devido à repercussão jornalística, foi o Cangaço. Este movimento social repercutiu-se com mais intensidade na região nordeste, sendo composto por grupos de homens, e também mulheres, armados mais conhecidos como cangaceiros. Estes grupos surgiram em função das péssimas condições sociais no nordeste. (CEZÁRIO, 2014. p.47).

Pois bem, uma de suas passagens dos chamados cangaceiros por essa região, talvez a mais marcante delas, se deu aproximadamente entre os dias 14 e 15 de maio do ano de 1927. Deixando para trás marcas de balas e sangue por onde passou. Tendo em vista que esse se aproximava do ainda povoado de Várzea da Ema, alguns moradores esconderam seus “tesouros” e subiram a serra ou se debandaram para outras cidades. Nessa época, Dananinha já era casada com Tiburtino e tinha aproximadamente 26 anos. Sr. Tiburtino temendo que o bando pudesse saquear o lugarejo, foge com Dananinha e seus filhos para a mata fechada, ficando lá acampados durante uns dois meses até que não se tivesse mais notícias do bando de Lampião pela região.

²² Disponível em: < <https://www.diariodosertao.com.br/noticias/comercio/261183/video-agencia-do-banco-do-brasil-completa-80-anos-de-existencia-em-cajazeiras-e-festeja-com-parceiros.html>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

No ano de 1927, Lampião passou por essas bandas. Ele passou lá no Formigueiro e madinha e Dadá que é a mulher do finado Zé Virisso, foram se esconder lá na roça de Zé, ali era uma mata de pau branco. Elas tinha medo dele passar por aqui, mas ele não chegou a entrar aqui (DANTAS, 2018).

Segundo informações, o cangaceiro Massilon Leite insistiu para que Lampião, saindo do sertão cearense, invadisse para assalto a cidade de Mossoró, no vizinho estado do Rio Grande do Norte, cujo trajeto também compreenderia a cidade de São João do Rio do Peixe e uma boa parte de seu território, onde hoje são os municípios de Uiraúna (antigo Belém); Triunfo (antiga Picada); Santa Helena (antigo Canto de Feijão) e Poço de José de Moura, entre outros.

Assim fora noticiado pelo jornal “A União”, jornal oficial do Estado da Paraíba, de data de edição em 31 de maio de 1927 sobre a passagem de Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como “Lampião”, pela cidade de São João do Rio do Peixe:

“Lampião costuma assinalar sua passagem com sangue. São João ainda não tivera a desventura de ser visitado pelo grupo sinistro, e o maldito bandoleiro quis que essa primeira visita fosse de sangue. Foram assassinados Cícero Rafael e Antônio Belizário no Formigueiro²³, Manuel Chiquinho, no Vaquejador, Antônio Correia em Belém, Antônio Quaresma em Canto do Feijão, Joaquim Gabriel em Cabaços: ainda há notícias de outras mortes sem confirmação. Muitos foram os espancados, os roubos então nem se contam.”²⁴

Quando desses episódios ou acontecimentos com a presença das tropas de cangaceiros, verifica-se que a preocupação era maior nas casas que tinham mulheres e moças, pois se temia que essas fossem vítimas de estupros ou roubadas pelo bando. Quando se tinha notícia que o bando se aproximava de alguma cidade, rapidamente juntava-se tudo o que era possível carregar, e os metais valiosos muitas vezes eram enterrados em potes ou caixas, dentro das casas ou em locais pontuais, como grandes

²³ Hoje, o antigo “Canto do Feijão” é a cidade de Santa Helena e os sítio Formigueiro e Vaquejador pertencem à mesma.

²⁴ Disponível em: <<http://umolharsobresaojoao.blogspot.com/2013/05/as-incursoes-de-lampiao-no-municipio-de.html>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

árvores para que fossem facilmente localizadas. Temiam-se muito as atrocidades feitas pelo bando ou até mesmo por serem mortos. Visto isso, as pessoas corriam em direção à mata fechada ou às serras altas, o que dificultava que os cangaceiros fossem atrás dos mesmos. Esse medo das iniciativas dos cangaceiros que levava as pessoas a se esconderem e esconderem seus “tesouros” a senhora Josefa Rolim Veríssimo nos conta que:

O povo antigamente que tinha um dinherim, a mais fazia era comprar ouro, porque pra guardar dinheiro era ruim, ele se vencia, ai o povo preferia comprar ouro que era pra sempre e fácil de enterrar. Os que tinha condições tinha muita coisa de ouro, principalmente as mué, ai enterrava em caixote ou lata com medo de Lampião ou de o povo roubar, ai ia ficado mais velho se esquecia do canto onde tinha enterrado e virava botija (VERÍSSIMO, 2018).

As palavras de Veríssimo testemunham um tempo em que a crença em botijas era presente e se alicerçavam em histórias e narrativas de diversas outras botijas como as que resumidamente apresentaremos a seguir.

3.2. Memórias de outras botijas no universo de crenças da circunvizinhança de Várzea da Ema no sertão paraibano

3.2.1 No sítio Dias²⁵: a botija de Dona Imbilina

Segundo a senhora Josefa Rolim Veríssimo (residente no distrito de Várzea da Ema), sua irmã Zumira Ferreira Veríssimo, relata não só a si como aos seus familiares o recebimento de uma botija por parte de sua madrinha, Dona Imbilina, tratando-se assim de uma botija em família.

²⁵ Pertencente ao município de Cajazeiras.

No interior do sertão, apadrinhar é mais do que apenas receber a criança pelo batismo, é tornar-se um segundo pai e mãe. Segundo Josefa Rolim Veríssimo (2018) Dona Imbilina era madrinha de Zumira, sua irmã, e gostava muito de sua afilhada. Não se sabe a data, mas esta veio a falecer por motivos naturais em decorrência de sua idade avançada.

Segundo a senhora Josefa Rolim Veríssimo, com um tempo depois, aproximadamente no ano de 1963, ela “se apresentou” a Zumira que, na época tinha cerca de 16 anos, dizendo que tinha deixado “umas coisas” enterradas e que era ouro, pedindo para que sua afilhada Zumira fosse buscar seu tesouro, pois tudo o que estava lá seria dela. A suposta “alma” de Dona Imbilina disse assim: “Você vá sete horas da manhã e leve uma criança de sete anos de idade com você, que é sua irmã (Fatinha), vai tá lá no baú que quando você chegava no meu quarto e sentava nele. Afaste o baú, debaixo dele tem um tijolo que ele já está se arrancando, o que tiver lá embaixo é tudo seu. Você pode chegar e falar com Biata dizendo que quer entrar no meu quarto que eu dormia, e se Biata quiser ir com você pode levar ela, porque o que tem lá é seu. Lá vai ter caneta, garfo, faca, brinco, pulseira, cordão, tudo de ouro e é tudo seu.”.

Conforme relato de Josefa Rolim Veríssimo sua irmã Zumira acordou muito assustada, chamando pela mãe, chorava muito com medo. Dizendo que sua “Madinha” Imbilina teria lhe dado uma botija. Em sua fala teria dito: “eu não quero não, tira que ela tá aqui perto de mim”. Ao tempo em que chorava muito, bem assustada, relata sua irmã Josefa Rolim Veríssimo.

Dando continuidade a narrativa da história, Josefa Rolim Veríssimo relata que, como Zumira não fora desenterrar a botija, a alma de Dona Imbilina voltara a fazer um novo contato. Perguntando a Zumira por que ela não tinha ido tomar posse da botija, falando assim: “você não foi?! O que tem lá é seu! Não tenha medo não. O que tem lá é tudo seu. Vá rezando que você não vai ver nada”. Mas ela não foi de jeito nenhum. Zumira tinha muito medo de ir, pelo fato de temer ver o que ela mais aterrorizava que era aranha caranguejeira, pois, segundo a crença popular, quando se vai arrancar uma botija aparece o que mais se tem medo. Para Zumira o seu primeiro pensamento era que ia aparecer muita aranha caranguejeira. Zumira relata para sua irmã Josefa Rolim Veríssimo que, quando Dona Imbilina vinha chegando no sonho esta estava envolta de uma claridade muito grande, ela iluminava o quarto todo quando chegava. Também para a crença

popular, a claridade junto a uma alma é sinal que esta está em um “bom lugar”. Para a mesma, a alma só se salva quando a botija é desenterrada, enquanto isso, a alma fica presa com o ouro enterrado.

Como vemos, trata-se de uma narrativa carregada de representações de elementos que significam a relação entre os envolvidos quando da anunciação de uma botija.

Com relação a isso, Socorro Cipriano narra que:

Pois bem, os fantasmas têm cores específicas, linguagem própria, e apresentam uma gestualidade gradativa e personalizada nas suas aparições. Seus propósitos dar-se-iam a entender aos vivos, através de sinais enigmáticos, que aos poucos revelam as dívidas e os desejos não realizados em vida (CIPRIANO, 2010, p. 226).

Na narrativa da botija acima de Dona Imbilina, podemos ver os elementos que a autora nos apresenta como sendo, em sua grande maioria, característicos das almas que se apresentam aos vivos. Vejamos um outro caso.

3.2.2 No Alto Sobradinho: a botija doada a Francisco Saturnino de Souza

Durante as entrevistas para este trabalho, foi relatado pelo Sr. Antônio Saturnino de Souza (Antônio Biato), residente no distrito de Várzea da Ema, uma doação de uma botija ao seu pai, o Sr. Francisco Saturnino de Souza (Chico Biato). Segundo Souza (2018), o acontecido se passou mais ou menos na era de 1956 para 1957. Seu pai teria tido um sonho com o Alto Sobradinho (localidade relativamente próxima ao distrito de Várzea da Ema), antigamente se falava muito sobre uma suposta botija que estaria lá no alto, perto de uma baixa onde tinha um “pé” de Cuaçu.

Não se sabe o dia, mas o Sr. Francisco teria sonhado com essa botija que era embaixo de uma pedra perto do pé de Pereiro. No dia seguinte ao sonho, bem cedo, este

se levantou peou²⁶ a burrinha dele e foi para o lugar. Ao chegar no local, ficou admirado por estar vendo tal qual era no sonho, era tão igual que ele pensava estar sonhando de novo. Ao descer da burrinha, avista um “monte de muleque” pulando em volta dele. Antes de chegar perto do lugar, o mesmo tinha amarrado à burrinha e tinha verificado se sua “peixeira” estava na bainha, pois ele só andava com ela na cintura. Ao se assustar com o que viu o Sr. Francisco Saturnino pegou sua “peixeira” e cortou a corda do arreio, montou na burrinha e correu forte voltando para casa, não teve mais coragem de desenterrar a botija.

Segundo o senhor Antônio Saturnino de Souza, outras pessoas também se assombravam lá, incluindo seu pai, o senhor Francisco Saturnino de Souza que, quando vinha de Cajazeiras de seis para sete da noite, passou nesse lugar e viu uma cabra atrás dele berrando, o cavalo que estava montado se assombrou e correu, no mesmo lugar onde o Sr. Francisco Saturnino de Souza tinha sonhado com a botija.

Outro relato do senhor Antônio Saturnino de Souza, dar conta de que, certa vez vinha um rapaz da Lagoa Vermelha para Várzea da Ema e quando chegou embaixo do pé de Cuaçu, sendo o lugar estreito o caminho, tinha um padre (ou a alma deste) celebrando uma missa com a maior claridade, e as toalhas bem “alvinha” no altar, o burro se assombrou e não passou por lá de jeito nenhum com medo do “malassombro”. Depois de um tempo ouviu-se um burburinho de que um morador do Alto Sobradinho tinha desenterrado ali uma botija, e nunca mais viu assombração alguma no local.

Em contrapartida ao contentamento com a botija recebida existe o temor, isso porque, como dizem, acreditam que a botija tem seu lado amaldiçoado. Assim, além do ritual de desenterramento há um outro ritual a ser cumprido logo após o desenterrar da botija, que consiste em mudar-se da casa em que o merecedor vive ou mudar a porta de entrada do local, caso contrário alguém que more na casa ou um ente querido morrerá. Quando da notícia da botija de Dananinha, sua merecedora Lica mudou-se da casa em que residia em Recife-PE, sendo assim mais um sinal que atestava para aqueles que ouviam essas histórias de que a botija havia sido realmente desenterrada.

²⁶ Pegar no pasto para selar.

3.3 Em Várzea da Ema: a história de uma botija que rompe o tempo passado... O desenterrar da primeira botija de Dananinha.

Como dito anteriormente, conforme os relatos dos depoentes sobre a data exata de quando se desenterrou a botija de Dananinha não se sabe o dia nem o mês, apenas o ano que foi em 2010, quando Lica (Maria do Carmo) e sua irmã Peta (Maria do Socorro) vindas do Recife-PE onde moram, chegaram à casa de Caboca, mulher de Pedro (filho de Dananinha), disseram a mesma que haviam vindo arrancar uma botija na casa de Dananinha, que essa havia lhe aparecido em sonho e pedido que ela desenterrasse sua botija. Segundo relato de Francisco Hélio Gonçalves de Brito, Caboca ao saber da situação, gentilmente responde que elas poderiam ir lá arrancar. Pediram para Pedro, chibanca e talhadeira para fazer a escavação. Como a casa continha algumas aberturas nas portas, elas fecharam com uns papelões que tinha por perto, a porta da cozinha de Dananinha que dava acesso à casa de Caboca foi colocado uma cortina. Era em torno de 17h30 para as 18h00 quando começaram a escavar a parede da sala da “casinha”.

Fizeram muitos buracos na parede da sala por pensar que a botija estava atrás do quadro de Nossa Senhora do Carmo que se encontrava no mesmo lugar desde o falecimento de Dananinha. Mas no sonho, Dananinha disse que era na parede atrás do quadro se referindo ao quarto dela, segundo o qual teria escondido parte de seu ouro em uma caixinha na parede direita de seu quarto. Se traçarmos uma linha atravessando a parede do local onde ficou o buraco da suposta botija e o quadro, seria uma linha reta.

Escavaram durante um bom tempo, mas não tinham êxito. O fato do barulho de escavação e a casa está completamente fechada fez com que chamasse a atenção dos vizinhos da rua. Muitos aproximaram-se para ver o que acontecia, inclusive Tadeu que é bisneto de Dananinha, e Francisco Hélio, casado com uma bisneta dela, fossem curiosamente ver mais de perto o que estava acontecendo, ao se aproximarem da porta que ligava as duas casas que estava separada apenas por uma fina cortina, perceberam que uma delas rezava muito, estava com uma bíblia e um terço nas mãos enquanto a outra escavava a parede. Elas pararam de cavar e perceberam que tinha pessoas próximas tentando ver o que elas faziam. Pararam de cavar e foram ver quem estava perto. Os dois (Tadeu e Hélio) saíram correndo. Então, elas entraram na casa de Caboca e disseram que mais tarde ainda na mesma noite, voltariam.



Figura 07- Quadro da sala de Dananinha onde supostamente a botija estaria atrás dessa parede. À direita a imagem de Nossa Senhora do Carmo; à esquerda a imagem do Coração de Jesus.

Fonte: Acervo pessoal, janeiro 2018.

Por volta das 19h30, Lica e Peta retornam até a casa de Dananinha para continuar a escavação. Dessa vez já não escavavam mais na sala e sim no quarto que foi de Dananinha. Em entonação forte e de som razoavelmente alto, faziam orações, assim também como as batidas de chibanca na parede. As luzes apagavam e acendiam constantemente. Por volta das 21h00 elas saem novamente, totalmente empoeiradas e com muitos calos nas mãos. Uma delas entregou os instrumentos de escavação enquanto a outra já foi saindo da casa entrando no carro com a bíblia e o terço em mãos e uma bolsa no braço. Despediram-se e disseram que não haviam achado nada, assim nos relata o senhor Francisco Hélio Gonçalves de Brito.

Segundo a crendice popular, não se pode falar sobre o “tesouro” achado para que esse não se encante e vire carvão, besouro ou areia. Após elas saírem, as pessoas da casa e alguns vizinhos foram ver o que elas tinham feito. E lá estava um buraco com

aproximadamente 30 cm de largura por 15 cm de profundidade e 15 cm de altura bem ao lado do antigo oratório de Dananinha. Logo abaixo, um pouco de terra e uma moeda de 10 centavos.



Figura 08- Parede do antigo quarto de Dananinha onde supostamente foi encontrada a primeira botija.

Fonte: Acervo pessoal, janeiro 2018.

No quarto que era de Dananinha que tava o buraco de onde foi arrancada a botija. Era um buraco bem feitinho do tamanho de um tijolo de antigamente e no chão tinha uma moeda de 10 centavos. O povo diz que tem de deixar. Se elas arrancaram alguma coisa tava dentro da bolsa, porque elas saíram, guardaram a chibanca e já entraram no carro e foram embora (BRITO, 2018).

Na manhã seguinte, a notícia de que se havia arrancado uma botija se espalhou rapidamente pela comunidade. Muitos eram aqueles que vinham ver de perto o acontecimento, nos conta a senhora Cosma Martins de Oliveira (2018). Surpresos com o fato de estar se tratando de uma história que apenas, nos tempos de antigamente, é que se

acontecia. A cena que se configurou o desenterrar passou uma semana sem ser mexida, sendo visitada diariamente, segundo nos conta o senhor Francisco Hélio Gonçalves de Brito (2018), passado um determinado tempo (aproximadamente um mês), Pedro (filho de Dananinha) limpa e fecha o local. Logo após o ocorrido, suas merecedoras mudam-se das casas onde residiam na cidade do Recife-PE, e compram novas residências.

Mas ainda não era o fim da história. Essa botija não tinha abandonado a vida e o cotidiano do distrito de Várzea da Ema, outro acontecimento dessa natureza envolvendo a mesma família estava prestes a acontecer.

3.3.1 O desenterrar da segunda botija de Dananinha

O segundo fato, que chamam de segunda botija de Dananinha, ocorre no ano de 2014, quatro anos após o primeiro acontecimento, mais precisamente no dia 20 de abril, véspera de feriado de Tiradentes, quando novamente Lica (Maria do Carmo) e dessa vez sua filha Laninha, vem novamente até o distrito de Várzea da Ema, pois elas moram em Recife-PE, e dizem que tem uma nova missão a ser feita na “casinha de Dananinha”.

Segundo o senhor Francisco Hélio Gonçalves de Brito, na manhã anterior ao acontecimento da suposta segunda botija, uma pequena parte do teto da casa de Dananinha cai. O local mais precisamente, se tratava do outro quarto, perto da cozinha, a parte do teto que caiu tinha cerca de um metro de circunferência.

Segundo nos conta o depoente Francisco Hélio Gonçalves de Brito, Lica e sua filha Laninha, quando ainda estavam no Recife- PE, aproximadamente um mês antes do ocorrido Lica teve uma outra anunciação quando Dananinha aparece em sonho para lhe doar sua segunda botija e assim mostrar o local do esconderijo. Lica não conseguia ver com clareza onde estava e nem saber o local exato de escavar, pois o local era muito escuro. Dananinha então, disse que “daria um jeito” de clarear o local antes que elas fossem, foi aí que o teto da casinha desabou quase que em formato de círculo para iluminar e indicar o local exato de onde se estaria à botija.

De acordo com o senhor Francisco Hélio Gonçalves de Brito, no dia 20 de abril de 2014, por volta das três horas da tarde, Lica e sua filha chegam até a casa de Caboca, lhe dizem que Dananinha lhes deu uma segunda botija e que precisavam arrancar. Por se

tratar de uma botija desencantada, essa podia ser desenterrada durante o dia. Caboca mais uma vez deu autorização para elas entrarem e irem arrancar. O quarto não tinha porta, então elas colocam uma cortina, que por sinal era bem fina, para privar olhares curiosos, mas isso não impediu que algumas pessoas da casa tentassem ver o que acontecia. Elas estavam cavando o chão no canto onde era a fresta do sol onde o teto havia caído. A iluminação que os raios solares emitiam, demarcavam o local exato de ser escavado, além do fato de iluminar o ambiente. O fato do dia 20 de abril ser escolhido era justamente por ser um domingo e não teria tanta movimentação na rua, visto que a mesma tem uma escola e fica bem agitada em dias de aula. Ao lembrar do acontecido, a senhora Maria Alzenir Mota da Silva nos conta que:

“Quando eu vim saber do rebuliço já tava acontecendo. Disseram assim: a fia de Abidias tá arrancando uma botija lá em Dananinha de novo”. Disse uma das vizinhas ao ficar sabendo do que estava acontecendo em sua rua (SILVA, 2018).

Conforme nos é relatado pelo depoente, o senhor Francisco Hélio Gonçalves de Brito (casado com uma bisneta de Dananinha), o chão tinha na base tijolos, e por cima uma camada de cimento, elas tentaram escavar por um bom tempo, mas não tinham muito êxito. Conseguiram cavar apenas o cimento, mas não conseguiam se aprofundar na parte que continha os tijolos, foi aí que elas pediram ajuda a Francisco Hélio Gonçalves de Brito, ele escavou uma boa parte, mas temendo que ele pudesse chegar onde se encontrava a suposta botija, Lica e Laninha pediram que ele parasse, dizendo que lá não haveria nada e que elas já iam embora, Hélio sai do local e elas continuam lá, com pouco tempo depois Lica e Laninha voltam a escavar, fato que contaria o que haviam contado ao senhor Francisco Hélio Gonçalves de Brito.

Elas não tinha força de cavar o chão, tinha cavado só um pouco, mas não conseguia cavar mais. Aí foi e me chamaram pra ajudar a cavar um pouco, aí quando eu cavei um bucado, com um pedaço elas mandaram eu parar, aí eu parei e saí do quarto. Com pouco tempo elas voltaram a cavar, só elas duas. (BRITO, 2018).

Como relata o senhor Francisco Hélio o fato de ter cavado a parte mais resistente fez com que facilitasse o desenterrar, logo após, a parte de cimento e os tijolos havia uma fina camada de terra bem frouxa, fato que não ocorria no restante do piso, que era completamente embasado de tijolos.

Segundo a narrativa do senhor Francisco Hélio Gonçalves de Brito, pouco tempo depois de retornarem à escavação elas param com o serviço, uma delas entra na casa de Caboca e pede para pegar um cestinho que se encontrava sob a mesinha do corredor, após pegar o cestinho, entra novamente para o lugar da botija e permanecem lá alguns minutos. Uma delas sai com o cestinho em mãos em direção ao carro que se encontrava na rua, entra no carro e permanece lá por pouco tempo, retorna para a casinha, mas já não estava mais com o cestinho, tinha deixado no carro, enquanto isso, a primeira senhora ainda estava no local, as duas ainda ficam uns minutos e logo em seguida saem dizendo que não haviam achado nada.

Em seguida, Lica e sua filha, Laninha, partiram para a cidade de Recife-PE, algumas pessoas da casa vão ver o local e verificam que as mesmas tinham deixado o buraco aberto no chão, cerca de 30 cm de profundidade por 30 cm de largura e continha muitos pedacinho de uma madeira bem conhecida, o cedro²⁷.

Esses restos de madeira sugerem que se tratava de uma caixinha de madeira, feita especialmente para durar bastante tempo enterrada, visto que o cedro é muito conhecido por ser uma madeira de alta durabilidade. Como diz o senhor Francisco Hélio Gonçalves de Brito:

No canto onde elas tava cavando era na resta do sol que caiu o teto. Depois que elas saíram eu fui ver de novo, tinha um monte de pedacinho de madeira, era de cedro, o povo diz que dura uma vida toda essa

²⁷ **Ocorrência** - em todo o país. **Características** - árvore de grande porte, com altura de 20 a 25 m e tronco com 60 a 90 cm de diâmetro. Tronco reto revestido de casca grossa, parda acinzentada, rugosa e profundamente sulcada. **Habitat** – floresta estacional semidecidual, floresta pluvial atlântica e eventualmente também em cerradões. **Madeira** - coloração variável desde amarela-clara até rósea ou vermelha, com poucas listras, macia ao corte, notavelmente durável em ambiente seco e aromático. Muito utilizada na fabricação de moveis de luxo e instrumentos musicais. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/cedro>. Acesso em: 29 de dez. 2018.

madeira, é bem resistente e a terra era bem soltinha, não tinha tijolo muito fundo que nem no resto do piso. (BRITO, 2018).

Após esse acontecimento, o rebuliço na comunidade não foi tão grande dessa vez como na primeira, já que apenas alguns poucos tomaram conhecimento, mais precisamente os vizinhos e algumas outras pessoas que foram ver, perguntar as pessoas da casa o que tinha acontecido e como tinha se configurado esse segundo evento. Todavia, como estamos na era da tecnologia, não poderia faltar um registro desse fato nas redes sociais, situação que fez com que muitos moradores do distrito de Várzea da Ema e pessoas em outros estados, e até em outros países que conheciam Dananinha e sua família, ficassem sabendo do acontecido e tendo acesso de algumas fotografias que diziam tratar-se do local e do resultado do desenterrar da botija, a segunda botija de Dananinha.



Figura 09- Chão do quarto de Dananinha onde supostamente foi encontrada a segunda botija.

Fonte: Acervo da rede social (INSTAGRAM) de Rafaelly Veríssimo Rolim. Acesso em: 29 de nov. 2018.

Como podemos ver os relatos e narrativas diversas sobre as botijas de modo geral e sobre as botijas de Várzea da Ema, objeto de nosso estudo, as situam no campo as crenças em além, em céu, purgatório e inferno, ou seja, trata-se de um campo notadamente perpassado pelo cristianismo católico, o que nos faz procurar entender como a igreja Católica se posiciona a respeito desses acontecimentos, visto que, Várzea da Ema se trata de uma comunidade marcadamente perpassada pelos valores católicos-cristãos. Para melhor entendimento, traremos também a definição de alguns aspectos, e logo em seguida faremos a discussão sobre o caso das botijas.

3.4 Uma discussão sobre o que fala a Igreja Católica a respeito de “alma humana”, o destino pós-morte e sobre fenômenos como as botijas de Dananinha

Logo de início, conceituaremos “alma humana”, destino, céu, inferno e purgatório. Pós isso, passaremos a abordar um pouco sobre o que ou como a igreja católica falaria sobre o caso da botija de Dananinha, caso o fato fosse levado para apurações.

3.4.1. Alma Humana

A princípio, vamos entender o conceito de morte. Essa é entendida como a separação entre o corpo (matéria) e alma. Quando acontece essa separação, o corpo será consumido pelos vermes enquanto a alma continua lúcida de suas vivências em terra, pois essa é imortal. Após essa separação entre corpo e alma, esta segunda seguirá para seu juízo particular, ou seja, a iluminação de tudo o que foi feito em terra e siga para um dos destinos finais (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999).

Segundo a doutrina da igreja Católica, a palavra “alma” vem do latim *anima mea*, e *anima mea* é justamente o princípio vital, ou seja, se pessoa está viva ela tem alma, se o ser não é vivo, é um ser inanimado (mesa, cadeira, pedra e etc.), se possui vida é um ser animado (pessoas, animais, plantas). A palavra “alma humana” é justamente para dizer que vida se tem (humana, vegetativa ou animal), que é diferente da vida que Deus tem,

Deus não tem vida humana, por que Deus não é humano, mas ele tem alma, tem vida, pois Deus é fonte de vida. (SILVA, 2018)

Dessa forma, conceituar “alma humana” é justamente para identificar que tipo de alma se está falando. Quando se refere a “alma humana” nos referimos à vida humana, por que existe uma alma de tipo vegetativa que é a vida presente nas plantas; outro tipo é a que está presente nos animais irracionais. Pois a palavra “alma” se refere à vida, tudo o que é vivo possui alma.

Segundo Bettencourt (1997), há alguns teóricos que não gostam de tratar (falar a palavra “alma”), pois ela muitas vezes ganha a conotação de fantasma, e a alma não é um fantasma, esta é a vida que está dentro da pessoa. Mesmo após a morte (matéria) a alma permanece viva, pois esta é imortal indo para algum lugar (céu, inferno ou purgatório), ou seja, quando se morre é a parte biológica que falece, a parte imaterial não morre.

Muitas vezes, a palavra alma é entendida de outros modos, como no caso do sentido espiritual, é confundida com espírito. Só que espírito é uma parte que, digamos é a mais transcendente que existe em nós, que tem o contato com as realidades divinas. A nossa alma é espiritual, porque ela não é material, mas na nossa alma ou nossa vida, nós temos um espírito, é esse espírito que se relaciona com Deus, e com as realidades divinas, então, cada um de nós tem uma alma e também um espírito.

“A Igreja ensina que esta distinção não introduz uma dualidade na alma. *Espírito* significa que o homem está ordenado desde a sua criação para seu fim sobrenatural, e que sua alma é capaz de ser elevada gratuitamente à comunhão com Deus” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 105- 106).

Também alma é entendida como parte racional da nossa vida, ou seja, a alma é identificada com a mente, quando dizemos que temos corpo e alma, dizemos que temos uma parte em nós que é palpável e uma parte que é pensante, portanto, alma às vezes é entendida como mente, como razão. Para alguns filósofos tanto faz dizer: alma, mente, raciocínio, inteligência. Porque a alma humana é uma alma intelectual, é uma vida racional, conseguindo lembrar-se do que foi vivido quando se estava junto à matéria/corpo, as experiências são gravadas, se tem a noção de tempo psicológico, fato que os animais e plantas não têm.

Aevo vem do latim e significa tempo, tempo psicológico, o tempo como nós percebemos, não é o tempo cronológico (horas, dias) é a forma como a pessoa percebe o tempo, é como a alma consegue identificar o tempo ou a sua psique.

Segundo o senhor padre Antônio Sérgio Mota da Silva (2018), até o momento da morte (matéria) pode-se arrepender, pecar, mudar, mas depois da morte não se muda mais, pós-morte começam as consequências de tudo o que foi feito em vida, o purgatório não é o lugar para se converter, se arrepender, pedir perdão, esse é para pagar, purgar, purificar, expelir o que não é bom de sua alma.

Justamente pela alma ser uma realidade imaterial ela não mais pertence ao mundo material, então não existe mais a possibilidade, conforme a doutrina da igreja, de almas ficarem se manifestando, se materializando ou se tornando visíveis ou se comunicando com as pessoas. Uma vez que ela é imaterial e espiritual, ela parte agora para realidades transcendentais.

3.4.2. Destino

O destino não pode ser entendido como algo “destinado”, mas deve ser entendido como ponto de chegada. Na bíblia diz que somos destinados a salvação, Deus quando nos fez deu a cada um de nós um ponto de chegada, se pode percorrer o seu “caminho” da forma como escolher (livre arbítrio) e chegar ao seu destino final (a salvação).

A palavra destino também pode ser usada como termo, como sendo o fim, o término. Não significa dizer obrigatoriamente que seremos salvos, pois podemos fazer escolhas erradas, caminhos tortuosos, fomos criados com um destino, mas somos livres a fazer escolhas. O destino não pode ser entendido como algo fixo/determinado/fatalíssimo/ obrigatório, acontece que para muitas pessoas ou religiões “o destino” é entendido como algo determinado e que vivemos apenas o que está previamente fixado. O cumprimento de algo que não tem como fugir. Não nascemos para coisas determinadas, nascemos para a felicidade, para o pertencimento a Deus, a salvação, porém, as nossas escolhas são livres, nós fazemos o nosso caminho.

Não existe destino no sentido de obrigação de vida, mas existe destino no sentido religioso de ponto de chegada, também chamada de fim último, o fim último do homem

é a felicidade, ou seja, o homem se encaminha ou deve se encaminhar para a felicidade. O caminho percorrido é apenas nosso, a partir das nossas decisões, o nome disso é livre arbítrio.

Deus pode ir intervendo de muitos modos, com acontecimentos, iluminações. Deus vai dizendo o que pode ser feito, vai orientando pela doutrina, através de outras pessoas, Ele não intervém no sentido de que obrigar a pessoa a alguma ação, por exemplo, Deus não vai obrigar a tomar nenhuma decisão, mesmo que a decisão seja errada, Ele deixa errar, Ele não interfere, Ele não é um Deus que tira nossa liberdade, pelo contrário, nos criou para a liberdade, deixando cada um tomar sua decisão mesmo que seja errada (BETTENCOURT, 1997).

3.4.3. Céu, inferno e purgatório

Em relação ao pós-morte, a igreja católica afirma juntamente com outras igrejas cristãs, que com a morte, a pessoa não termina definitivamente a vida humana. A vida humana ela continua existindo de outro modo. Enquanto estamos na terra, existe uma vida biológica e terminada, essa vida biológica passamos a ter uma vida diferente, essa segunda de acordo com a doutrina da igreja católica ela se dá, ou ela se desdobra em três possibilidades: a primeira delas que é mais importante, é a de salvação. Uma vez tendo vivido na justiça, na santidade, irá para a salvação, isso é chamado de céu, então, o céu é o destino dos justos, é o ponto de chegada dos santos, dos bons, dos que fizeram a vontade de Deus. E dos que buscam a felicidade eterna, ou seja, ver Deus face a face, isso seria o céu, também chamada de visão beatífica (feliz visão).

Ocorre que, ninguém é perfeito e, mesmo tendo buscado a santidade, mesmo tendo procurado cumprir com os mandamentos de Deus, com todo esforço de bondade, nós ainda carregamos as consequências do pecado. Então, essas consequências do pecado nos fazem passar primeiro por outra realidade que, chamamos de purgatório.

O purgatório é como um estágio preparatório para se alcançar o céu, antes de se chegar, devemos passar pelo purgatório, pois no céu só entram aqueles que estão conformados a Deus em justiça e santidade, e como nós sempre estamos cometendo pecados, precisamos antes nos purificar. Portanto, o purgatório não é uma realidade definitiva, é um estado de espírito apenas momentâneo. Uns que vão para o purgatório

podem passar muito tempo de purificação e outros podem passar pouco tempo. O tempo que se permanece no purgatório depende muito do pecado cometido, não é medido pelo tempo cronológico como nós conhecemos, é um tempo psicológico apenas, é uma realidade espiritual, é uma estada de purificação.

A terceira realidade é o inferno, esse é o destino final para os maus, para os que não amam. Uma vez que se está distante de Deus nessa vida, depois que morre permanece distante de Deus e isso é o inferno. O inferno é a completa ausência de Deus, é a condenação, é o castigo eterno como é chamado. Em resumo, quando nós morremos ainda permanecemos existindo de alguma forma, a morte não é o fim definitivo da vida humana, a morte é apenas uma passagem, então, passa-se pela morte e vai-se a alguns dos destinos, os dois destinos finais são: o inferno, para os maus e o céu para os bons, ademais, antes dos bons entrarem no céu devem passar pelo purgatório (SILVA, 2018).

3.4.4. Existe comunicação com as almas?

A igreja católica busca muitas respostas para fenômenos na paranormalidade, fenômenos esses que na maioria das vezes são associados às forças do além. A igreja em comum acordo com a ciência, busca respostas na própria mente humana para acontecimentos tidos como sobrenaturais. Dentre esses fenômenos nós temos: telergia, onde a energia de uma pessoa consegue derrubar, mover ou quebrar coisas, percepção extra-sensorial, perceber além das paredes e à grandes distancias (um exemplo são as pessoas que conseguem sentir o que acontece com parentes em outros estados ou países). Entre muitos eventos que se fazem presentes popularmente chamados de “acontecimentos do além”, mas que são facilmente explicados pela paranormalidade ou pela parapsicologia.

“O ser humano é propenso a crer no maravilhoso, visto que os elementos convencionais e a história real são, muitas vezes, insuficientes para dar alegria e segurança à pessoa”. (BETTENCOURT, 1997. p. 199) Ou seja, algumas pessoas buscam respostas para alguns fenômenos em “coisas de outro mundo” na tentativa de sair da realidade por pura insatisfação inconsciente.

De acordo com o senhor padre Antônio Sérgio Mota da Silva (2018), a igreja católica acredita em uma coisa chamada “comunhão dos santos”, isso seria a

solidariedade entre batizados. Todos os batizados estariam ligados uns aos outros graças a Jesus Cristo, Ele é o mediador, estabelece a comunhão entre nós mesmos e com Deus.

Interceder é pedir a Deus em oração por alguém, só podendo interceder os vivos e as almas que estão no céu. As almas que estão no purgatório não podem interceder, pelo contrário, elas que precisam de intercessão dos vivos, nós podemos rezar por elas, mas o contrário não acontece.

Há divergência entre alguns teólogos a respeito dessa intercessão, mas no geral, são as almas que estão no céu que podem interceder pelos vivos, pois já estão na comunhão com Deus, os vivos podem interceder uns pelos outros e pelas almas que estão no purgatório. Os pedidos, orações dos que estão na terra, pedindo pela salvação eterna, repara as penas dos que estão no purgatório.

Aos que falam que as almas penam/ almas penadas (são chamadas assim por estarem pagando as penas) necessitam de intercessão e outros de reparação. Por exemplo: alguém que ficou com o pertence de outra pessoa que morreu sem entregar, essa alma aparece para pedir que esse pertence seja devolvido (isso não é aceito pela igreja) ou alguma coisa que precisou ser feita que não foi concluída antes da morte e aparecem para falar que determinada “coisa” precisa ser feita. Nessa perspectiva se encaixa mais ou menos as botijas. (Essa alma que volta para dar a botija faz isso para que um ser da terra melhore de vida e assim suas penas no purgatório sejam amenizadas).

Existe a doutrina oficial da igreja, ela fala sobre a regra geral que: quando morre se estiver em pecado mortal vai para o inferno, se morre em justiça e santidade, mas precisa se purificar, portanto, vai para o purgatório, e sendo purificado vai para o céu.

Essa é a regra geral, porém, que toda regra tem exceção. Deus permite exceções, elas seriam: de poder haver uma manifestação para alguém de uma revelação espiritual, por exemplo, temos o caso das aparições de Nossa Senhora, existe caso de revelações particulares, cabe também para a comunicação de quem já morreu com os vivos, não é a regra geral, mas pode ser que Deus permita; e porque Deus permite? Se for para o bem, Deus permite. Se uma alma aparece para uma pessoa atormentando, essa não seria alma, mas sim um demônio, os que estão no inferno (alma) não saem de lá para atormentar, estão lá condicionadas para sempre. Quem está no céu não atormenta ninguém, pode ser

que se manifeste, mas não para atormentar e sim para ajudar, isso não é a regra geral, mas pode acontecer (BETTENCOURT, 1997).

Deus permite que santos ou almas do purgatório se manifestem para ajudar, jamais para atormentar, no caso dos santos é para ajudar alguém, e as almas do purgatório são para pedir ajuda ou ajudar de algum modo, nunca para atrapalhar ou atormentar/atentar, pois Deus não permite que almas que pertençam a Ele façam mal.

Então, em relação a visões, sonhos, ou outras manifestações, a igreja já não admite de forma alguma que isso seja possível, é bem verdade que isso é regra geral: quando se morre vai-se a um dos destinos finais, mas só que talvez haja algumas exceções, que não é a doutrina da igreja, que não é a regra geral para as pessoas que morrem.

3.4.5. Quais explicações são dadas para os fenômenos do “além” e para os casos das supostas botijas de Dananinha?

Esses fenômenos muitas vezes são explicados pela própria ciência, essa que nós chamamos de paranormalidade. Para se descobrir ou entender como essas coisas se processam, como tal fato chegou a determinada pessoa, como que uma pessoa sabia que determinada coisa estava em tal lugar, essas coisas todas são explicadas por uma investigação científica ou uma investigação psicológica.

Às vezes a pessoa que diz ter recebido essa comunicação já tinha elementos que poderiam ser juntadas como peças de um quebra cabeças para se chegar a um determinado fato. Por exemplo: em relação a uma alma para dizer onde tinha uma botija, um objeto precioso guardado. Para a igreja se pronunciar sobre isso e dá uma explicação é necessário que se faça uma investigação parapsicológica a respeito do local, das pessoas que estão envolvidas, de conversas que se teve com a dita pessoa que faleceu e que apareceu, enfim, é um conjunto de aspectos que se deve levar em consideração. Não se pode simplesmente depois que alguém que diz ter tido uma visão, ou que escutou um comunicado de alguém que morreu que podemos simplesmente acreditar ou dizer que é mentira, é necessário se fazer uma investigação, um levantamento de fatos, dados científicos para saber realmente em que se fundamenta aquilo.

De acordo com o Sr. Pe. Antônio Sérgio Mota da Silva, na maioria das vezes não são fenômenos sobrenaturais, mas sim, fenômenos paranormais, ou fenômenos provocados pela “psique” das pessoas que estão na casa ou das pessoas que estão envolvidas nessas histórias.

Em relação ao que a igreja diz, não se pode de imediato dá um parecer, simplesmente dizer que é verdade ou mentira, que uma alma não apareceu, que não houve comunicação. Isso seria uma resposta simples demais. Desta maneira, o Sr. Pe. Antônio Sérgio Mota da Silva nos dá um parecer sobre o que a igreja falaria sobre o caso de Dananinha:

O que a igreja poderia dizer é, claro que não ia ter um pronunciamento oficial, o magistério eclesiástico não ia se manifestar a respeito disso. Mas o que um teólogo poderia dizer ou um bispo ou um sacerdote, é que: antes de se fazer qualquer afirmação ou parecer, deveria antes se investigar a fundo as pessoas que estão envolvidas nessa história toda. Então, teria que se analisar o comportamento delas antes de vir arrancar, teria que ver como elas chegaram a essa conclusão e como chegaram ao local exato de onde estavam esses objetos, que tipo de comunicação que se teve. Se foi um sonho, ou indicação de outro modo. Então, seria necessário se fazer uma investigação toda, né?! (SILVA, 2018).

E continua

É de extrema necessidade a investigação psíquica ou parapsíquica para se ter uma conclusão. Mas é claro que a igreja não descarta de pronto dizendo que teria sido mentira, que isso não aconteceu, que a alma não se comunicou, mas para que seja dada uma resposta, digamos, com mais propriedade, teria que ser feita uma investigação bem apurada. (SILVA, 2018).

Afirmar categoricamente que, quem passa uma vida apegado aos bens materiais quando morre fica preso a esses bens materiais, isso não é uma verdade. Por exemplo, alguém que era apegado ao ouro, joias que se tinha e uma vez que morre fica preso, ou fica aparecendo na casa onde morava, a doutrina de fé da igreja não fala isso. O que

podemos dizer é que, por uma exceção Deus pode permitir que uma alma doasse um bem material que ficou enterrado para que a pessoa em vida terrena possa melhorar suas condições e assim a “alma” possa obter a purgação de alguns de seus pecados cometidos em terra, como a avareza.

Para Quevedo, (1968) no tempo moderno quase nada se faz em relação a pesquisas desses fenômenos parapsicológicos com efeitos físicos. No Brasil, com a grande expansão do espiritismo, os “dotados” para fenômenos de efeitos físicos ganhou grande número, em muitos casos colocados como efeitos espirituais, mas sem nenhuma comprovação científica.

É justamente na investigação dos fenômenos que consiste à separação dos efeitos físicos e das fraudes, essas foram e são grandes questões para estudiosos da parapsicologia, é nesse sentido que se busca cada vez mais o estudo e a especialização para esses fenômenos, para que não haja ou tente-se evitar as fraudes (QUEVEDO, 1968).

Após essa breve discussão, convém situarmos nosso estudo sob a perspectiva da história, da cultura e do imaginário de crenças populares. Nossa preocupação é, pois, discutir em que medidas e como essas questões acima discutidas, ou seja, essas concepções oficiais sobre a relação entre terra e além, crenças e fé, interferem na história que contamos das botijas de Várzea da Ema e mais precisamente das botijas de Dananinha.

Nesse sentido, e conforme a nossa opção teórica metodológica de trabalho com a memória dos moradores do distrito de Várzea da Ema, podemos dizer que, para a maioria das pessoas do distrito de Várzea da Ema, as botijas de Dananinha se configuram como um fato verídico e se respaldam nessa afirmação com base nos próprios acontecimentos que se alto explicam, visto que tem características semelhantes as histórias que lhes eram contadas sobre a temática. Essa crença em botijas não é algo que surge do nada, já se tem que ter uma cultura de recepção estabelecida no que diz respeito a almas, céu, inferno e purgatório, ou seja, essa crença em botijas é advinda de crenças em “coisas de outro mundo” que, solidifica as histórias de botijas.

Há também aqueles que não acreditam no ocorrido, ou pelo menos não que se tenha achado algum “tesouro”. Para esses, um fato como esse não seria possível nos dias de hoje, que isso era “coisa de antigamente”.

No que diz respeito a igreja católica, essa enquadra esses costumes (crenças em botijas, em “almas penadas”, benzedeadas e etc.) no quadro das superstições, apesar da não interferência da mesma nas tradições não oficiais de fé a uma “tensão” existente no que diz respeito a essas práticas. Embora haja uma certa tensão ou conflito, nada que seja condenatório, mas que também não é aceito pela doutrina oficial de fé da igreja católica, essas tradições populares de fé vão resistindo e se perpassando pelas gerações.

Esse estudo nos revela essa cultura, tradição e imaginário do distrito de Várzea da Ema que, ainda permanece viva, mesmo que com menos intensidade do que nos “tempos de antigamente”, as crenças em histórias de botijas e demais histórias acima relatadas estão presentes nas rodas de conversa. São relatos que indagam negando ou aqueles que afirmam que na casa de Dananinha e em outras do distrito de Várzea de Ema existam botijas e que essas como outras mais cedo ou mais tarde vão ser desenterradas.

COSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos este estudo, estávamos respondendo a um interesse pessoal de pesquisa, como anunciamos na introdução deste trabalho, mas também respondendo a necessidade de preenchermos de algum modo a lacuna da história local de Várzea da Ema e povoações ao seu entorno, no sertão paraibano, que é deficiente de registros. Assim, percorrendo a história de Várzea da Ema, em particular sua cultura e suas tradições de crenças a exemplo das chamadas “botijas de Dananinha” que elegemos como objeto de nossa pesquisa. Para tal, tivemos como suporte como campo teórico de abordagem a História Cultural, esta que no século XX permitiu a expansão de fontes e seus objetos de discussão, podemos citar: a memória, mulheres, oralidade, imaginário, cultura popular, crenças e etc., o que deu a historiografia como um todo um engrandecimento histórico, dialogando com outros campos do saber.

Dessa forma, a chamada História Cultural com suas novas abordagens também possibilitou novas metodologias que permitiu o alargamento de fontes utilizadas pela historiografia que graças a isso permitem um novo fazer histórico. A história oral é uma grande representação desse novo fazer, pois imerso a ela está o sentimento e emoções dos seus personagens e é através da entrevista que esse além de contribuir para pesquisa pode expressar sua memória.

No caso de nosso estudo lidamos com a metodologia da história oral realizando entrevistas e gravações concedidas por homens e mulheres de Várzea da Ema que, nos retrataram suas experiências e suas crenças narrando suas histórias de botijas através de suas memórias e lembranças.

Assim, no que diz respeito à nossas fontes, essas foram em suma orais, pois em se tratando da história e crenças locais do distrito de Várzea da Ema, os únicos documentos de que dispomos são os relatos dos moradores desta localidade já citada. Assim sendo, os depoimentos dos moradores do distrito de Várzea da Ema nos trazem através de suas memórias relatos e fragmentos sobre a história do distrito. Da mesma forma, os familiares e conhecidos de Dananinha que conviveram com a nossa personagem e nos concederam um amplo conteúdo, dando origem assim, a esta pesquisa. No âmbito da história local e regional, essa pode sim ser construída de forma singular através da rememoração dos depoentes, nos expondo uma vasta gama de elementos e conhecimentos culturais.

O contato com os entrevistados se deu de forma muito natural, pois estes são moradores do distrito de Várzea da Ema no qual também resido. Para tal feito, pedi para que eles falassem um pouco sobre seu convívio com Dananinha, e a respeito das histórias de suas botijas, assim como, suas lembranças sobre o então distrito. A princípio, tinha em mente realizar as entrevistas com cinco pessoas (familiares de Dananinha); ao longo da entrevista com essas cinco pessoas, as mesmas me foram narrando fatos e expondo que determinadas outras pessoas podiam me relatar melhor sobre o acontecido, visto que tinham vivenciado determinada época ou acontecimento.

As entrevistas, a princípio, foram guiadas por perguntas elaboradas como roteiro, mas no decorrer das falas, deixava-os bem à vontade para que falassem livremente sobre o que era perguntado, alguns fatos se misturavam às perguntas inicialmente feitas, outras só me foram relatadas quando a entrevista já tinha chegado ao fim, mesmo assim, ligava novamente o gravador e ouvia atentamente ao que ainda estava para ser dito. E em determinados momentos sentia como se pudesse presenciar o acontecido tamanho era a riqueza de detalhes e empolgação de quem falava.

Uma importante consideração que destacamos desse estudo é que a história das botijas de Várzea da Ema se situa na era de grande produção da agricultura na região, quando a mesma era feita em grande maioria pelo marido de Dananinha, e as suas produções artesanais também lhe rendiam certo dinheiro, como informam nossos entrevistados, nossa personagem comprava joias em ouro para si e para sua filha caçula, que gostava muito de estar bem arrumada. Além do fato de que a compra de ouro era um investimento, visto que o ouro era algo muito valioso, bem valorizado e fácil de ser carregado ou escondido em virtude de ataques de cangaceiros. Assim, como narram os depoentes desta pesquisa, foi o ataque de Lampião em 1927, o grande fator para que Dananinha tivesse que enterrar seu valioso tesouro em joias de ouro que havia acumulado e conseqüentemente a sua transformação em botija.

Segundo as falas dos entrevistados acredita-se que botija, são objetos valiosos enterrados em caixas de madeira ou potes que, após a morte de seu dono, ganham um caráter de “tesouro encantado”. Que se transforma em botijas quando a alma de seu dono em estado de purgação de seus pecados aparece a uma pessoa merecedora para doar esse “tesouro” e assim, ganhar a salvação.

Esse estudo difere do trabalho de Socorro Cipriano: *Histórias de Botijas e os labirintos do universo assombrosos na Paraíba* (2010), o qual tomamos como base para a realização desta pesquisa, já que retrata de forma mais abrangente a temática das “assombrações” na Paraíba, com o foco no seu segundo capítulo para as botijas. Nesta pesquisa não nos referimos as assombrações como tema, mas sim aos costumes e crenças do distrito de Várzea da Ema, demonstrando e destacando espacialmente as botijas desse universo de crenças.

Um outro estudo com o qual dialogamos trata-se do trabalho de Danilo Cezário: *São José das Botijas ou as Botijas de Piranhas: a formação de um imaginário Histórico-Cultural no Sertão Paraibano* (2014) que retrata o fato da existência das botijas em São José de Piranhas, devido a mudança da cidade para outra localidade em virtude da construção do açude, e por isso as pessoas acabaram deixando seus tesouros enterrados naquele território.

Nossa história difere de outras histórias de botijas que nos chegam pela literatura popular ou pela oralidade. Diferentemente do que se alega ser a avareza um fator importante para a existência da botija, pelo que nos foi contado, Dananinha não era uma pessoa avarenta, também o tempo de existência de crenças populares da comunidade em botijas rompem o tempo de “ontem”. As botijas de Dananinha se inserem nos tempos atuais, tempos em que em Várzea da Ema assim como no resto do Brasil se vive experiências pautadas pelas novas tecnologias.

Desta forma, o nosso trabalho tem como característica o fato do “tesouro” de Dananinha, nossa personagem central, ter sido enterrado em virtude do ataque que a região sofre no ano de 1927, como assim nos conta seus familiares, além do que essas botijas terem sido doadas há poucos anos atrás, sendo o último “desenterrar” acontecer cerca de cinco anos antes da elaboração deste trabalho, deixando claro que, ainda se fala em uma terceira botija. Fato que “quebra” a ordem de que esses acontecimentos só ocorriam nos “tempos de antigamente”.

A nossa discussão girou em torno do fato de como as botijas de Dananinha repercutiram e repercutem no imaginário local que, para grande maioria da comunidade e região, as histórias de botijas existem. Problematicamos com escritos da igreja católica aspectos da crença local e os casos das botijas de Dananinha. Assim, com este estudo não

tivemos a intenção de buscar, ou atestar uma veracidade do ocorrido, pois para aquela comunidade de Várzea da Ema em sua cultura e memória, as botijas existem e se alto explicam nas narrativas que nos contaram e nos informaram, fazendo parte de uma cultura de crenças perpassadas de muitas gerações que desde muito já escutavam, transmitidos por, bisavós, avós e pais. Todavia, o que realmente norteou nossa pesquisa foi procurar entender porque em meio à era tecnológica, fatos e narrativas sobre botijas pudessem ainda ter espaço e ocorrer, pois, como consta da historiografia e em partes das narrativas, essas histórias só aconteciam no passado.

Podemos dizer que elas existem como “reatualização” de crenças que ainda fazem parte da curiosidade, como algo que aguça a imaginação que repõem os tempos de ontem, que ligam o mundo das coisas visíveis ao mundo das coisas invisíveis.

Assim, com este trabalho esperamos contribuir com o registro da história de Várzea da Ema; com a história de parte de sua cultura de crenças e tradições, lançando novos desafios de continuidade do interesse acadêmico por essa história como por outras tantas e anônimas que ali existem. Assim como, tornar acessível a todos aqueles interessados um pouco sobre histórias de botijas, em especial sobre as botijas de Dananinha. Com esse estudo focamos, de modo geral, a cultura regional e de modo específico a história local do distrito de Várzea da Ema. É, pois, uma parte da história da sua cultura, ou pelo menos o que selecionamos para registrar dela aqui nessa nossa contribuição.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN: Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- BARROS, José D'assunção. **A Nova História Cultural** – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Cadernos de História, [s.l.], v. 12, n. 16, p.38-63, 30 nov. 2011. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38/2958>>. Acesso em: 04 mar. 2017.
- BARROS, José D'assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 5º ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BETTENCOURT, Estêvão Tavares. **Católicos Perguntam**. 9º ed.- São Paulo: O mensageiro de Santo Antônio, 1997.
- BEZERRA, Gilmar de Oliveira. **Cangaço – Recordações do ataque frustrado**. Mossoró: ESAM, 1977.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- CATECISMO da igreja Católica. São Paulo: Edições Loyola, 1999. P. 934.
- CEZÁRIO, Danilo de Souza. **São José das Botijas ou as Botijas de Piranhas: a formação de um imaginário Histórico-Cultural no Sertão Paraibano (São José de Piranhas, 1930-1950)**. 2014. 66p. (Graduação em História), Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2014.
- CIPRIANO, Maria do Socorro. **Histórias de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba**. 2010. 275p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2010.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://nuhtaradahab.wordpress.com/2009/03/02/dicionario-do-folclore-letra-b/>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49. ed. São Paulo: Global, 2003.

LÓSSIO, Rúbia. **Dicionário do Folclore Brasileiro Para Estudantes**. Disponível em: <<http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/diconario.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

MOISÉS, Maussad. **O conto português**. 6. ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 1999.

PIMENTEL, Altamar de Alencar. **O Diabo e outras entidades míticas no conto popular**. Paraíba: Coordenada Editora de Brasília, 1967.

QUEVEDO, Oscar González. **As forças físicas da mente**. Tomo 1. São Paulo: Edições Loyola, 1968.

SALES, Thiago de Oliveira. **Sobre botijas**. 2006. 174p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SOUSA, Silvana Vieira de. **Tradição e fé: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX**. 2011. 266p. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TORRES, Antônio Montenegro. **História oral e memória - a cultura popular revisitada**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

VIDAL, Ademar. **Lendas e superstições: contos populares brasileiros**. Empresa Gráfica O Cruzeiro S.A: Rio de Janeiro, 1950.

Documentário

LORENA, Petrônio/ Tiago Scorza. **Santa Helena e o Phantasma da botija**, 2004.

FONTES

BRITO, Francisco Hélio Gonçalves de. **Entrevista concedida a autora.** Várzea da Ema. 11 de outubro de 2018.

DANTAS, Maria do Céu. **Entrevista concedida a autora.** Várzea da Ema. 13 de setembro de 2018.

OLIVEIRA, Cosma Martins. **Entrevista concedida a autora.** Várzea da Ema. 27 de agosto de 2018.

PESSOA, José Veríssimo. **Entrevista concedida a autora.** Várzea da Ema. 11 de outubro de 2018.

VERÍSSIMO, Josefa Rolim. **Entrevista concedida a autora.** Várzea da Ema. 11 de outubro de 2018.

SILVA, Antônio Sérgio Mota da. **Entrevista concedida a autora.** Várzea da Ema. 06 de agosto de 2018.

SILVA, Maria Auzenir Mota da. **Entrevista concedida a autora.** Várzea da Ema. 13 de setembro de 2018.

SOUZA, Antônio Saturnino de. **Entrevista concedida a autora.** Várzea da Ema. 13 de setembro de 2018.

ANEXOS

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Libertação ou assombração: as botijas de "Dananinha" em Várzea da Ema-PB que tem como objetivo fazer um estudo sobre as aparições das botijas de "Dananinha" no distrito de Várzea da Ema-PB. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia no distrito de Várzea da Ema, sua história local e de sua cultura e particularmente de suas tradições.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, *Josely Poliana Venissima* tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 11 de outubro de 2018.

Joselya Robim Veissiro

Assinatura do (a) participante

Kalyanne Martins Dias

Assinatura do (a) pesquisador (a)

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Libertação ou assombração: as botijas de "Dananinha" em Várzea da Ema-PB que tem como objetivo fazer um estudo sobre as aparições das botijas de "Dananinha" no distrito de Várzea da Ema-PB. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia no distrito de Várzea da Ema, sua história local e de sua cultura e particularmente de suas tradições.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Antônio Silvanino de Sousa tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 13 de setembro de 2018.

António Sérgio de Sá Kelyanne Martins Dias

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Libertação ou assombração: as botijas de "Dananinha" em Várzea da Ema-PB que tem como objetivo fazer um estudo sobre as aparições das botijas de "Dananinha" no distrito de Várzea da Ema-PB. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia no distrito de Várzea da Ema, sua história local e de sua cultura e particularmente de suas tradições.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Maria Auxeni Mota da Silva, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 13 de setembro de 2018.

María Auxiliadora Silva

Assinatura do (a) participante

Kalyanne Martins Dias

Assinatura do (a) pesquisador (a)

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Libertação ou assombração: as botijas de "Dananinha" em Várzea da Ema-PB que tem como objetivo fazer um estudo sobre as aparições das botijas de "Dananinha" no distrito de Várzea da Ema-PB. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia no distrito de Várzea da Ema, sua história local e de sua cultura e particularmente de suas tradições.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Maria do Céu Dantas tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 13 de setembro de 2018.

Maria do Ceu Dantas

Assinatura do (a) participante

Kalyanne Martins Dias

Assinatura do (a) pesquisador (a)

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Libertação ou assombração: as botijas de "Dananinha" em Várzea da Ema-PB que tem como objetivo fazer um estudo sobre as aparições das botijas de "Dananinha" no distrito de Várzea da Ema-PB. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia no distrito de Várzea da Ema, sua história local e de sua cultura e particularmente de suas tradições.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Pe. Antônio Sérgio Melo da Silva, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 06 de agosto de 2018.

Pe. Antônio Sérgio M. Silva

Assinatura do (a) participante

Kalyanni Martins Dias

Assinatura do (a) pesquisador (a)

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Libertação ou assombração: as botijas de "Dananinha" em Várzea da Ema-PB que tem como objetivo fazer um estudo sobre as aparições das botijas de "Dananinha" no distrito de Várzea da Ema-PB. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia no distrito de Várzea da Ema, sua história local e de sua cultura e particularmente de suas tradições.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Bisma Maria de Alencar tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 27 de agosto de 2018.

Cosme martis de oliveira

Assinatura do (a) participante

Kalyanne Martins Dias

Assinatura do (a) pesquisador (a)

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Libertação ou assombração: as botijas de "Dananinha" em Várzea da Ema-PB que tem como objetivo fazer um estudo sobre as aparições das botijas de "Dananinha" no distrito de Várzea da Ema-PB. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia no distrito de Várzea da Ema, sua história local e de sua cultura e particularmente de suas tradições.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Erasmio Nélio G de Brito, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 11 de outubro de 2018.

Francisco Hélio G. Brito

Assinatura do (a) participante

Kelyanne Martins Dias

Assinatura do (a) pesquisador (a)

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Libertação ou assombração: as botijas de "Dananinha" em Várzea da Ema-PB que tem como objetivo fazer um estudo sobre as aparições das botijas de "Dananinha" no distrito de Várzea da Ema-PB. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia no distrito de Várzea da Ema, sua história local e de sua cultura e particularmente de suas tradições.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, *Silvana Vieira de Sousa*, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 11 de outubro de 2018.

José Kenisaino Turvo Kalyanne Martins Dias

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)